



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM
LETRAS - PROFLETRAS
NÍVEL MESTRADO

MARTA MARIA WANDERLEY DA SILVA

LEITURA LITERÁRIA: NOVAS POSSIBILIDADES DE PENSAR A LEITURA NA
ESCOLA

RIO BRANCO

2015

Marta Maria Wanderley da Silva

LEITURA LITERÁRIA:

Novas possibilidades de pensar a leitura na escola

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal do Acre – UFAC.

Área de Concentração: Linha 1 – Teorias da Linguagem e Ensino

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Margarete Edul Prado de Souza Lopes

Rio Branco

2015

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

S586l Silva, Marta Maria Wanderley da, 1972-
Leitura literária: novas possibilidades de pensar a leitura na
escola / Marta Maria Wanderley da Silva – 2015.
74 f. il.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre,
Programa de Mestrado Profissional em Letras, 2015.

Inclui referências bibliográficas, anexos e apêndices.
Orientador: Prof.^a Dra. Margarete Edul Prado de Souza Lopes.

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Leitura na escola. 3. Literatura. I.
Título.

CDD: 028.55

Bibliotecária: Maria do Socorro de Oliveira Cordeiro CRB 11/667

Marta Maria Wanderley da Silva

LEITURA LITERÁRIA: NOVAS POSSIBILIDADES DE PENSAR A LEITURA NA
ESCOLA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal do Acre – UFAC.

Aprovada em 14 de agosto de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Margarete Edul Prado de Souza Lopes (Orientadora) – Universidade Federal do Acre – UFAC

Prof.^a Dr.^a Cintia Carla Moreira Schwantes (membro externo) – Universidade de Brasília – UNB

Prof. Dr. João Carlos Ribeiro de Souza (membro interno) – Universidade Federal do Acre – UFAC

Prof.^a Dr.^a Gisela Maria de Lima Braga Penha (suplente) – Universidade Federal do Acre – UFAC

A Deus, pois sem ele não teria forças para vencer essa longa jornada, por ser vital em minha vida, autor do meu destino, meu mentor e meu socorro nas horas de angústia. E à minha família pelo apoio, compreensão e pela amizade.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter-me dado saúde e força para superar as dificuldades, por ter iluminado meu caminho e minha mente durante essa árdua jornada; por ter-me dado a oportunidade de realizar esse curso e por ser o maior de todos os “Mestres”.

À Universidade Federal do Acre, direção e administração, que me oportunizaram a janela na qual hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e na ética aqui presentes.

Ao corpo docente e aos colegas discentes do Curso de Mestrado Profissional em Letras da UFAC, a primeira turma do Profletras, que entra para a História da Educação do Acre.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Margarete Edul Prado de Souza Lopes, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos. Pelos ensinamentos, confiança, pelas noites em claro, pelo carinho e atenção a mim dedicados. Obrigada por ajudar-me na conclusão deste trabalho.

Meus sinceros agradecimentos a todos os membros da Banca Examinadora, Prof.^a Dr.^a Cintia Carla Moreira Schwantes, Prof. Dr. João Carlos Ribeiro de Souza e à Prof.^a Dr.^a Margarete Edul Prado de Souza Lopes, pelas valiosas sugestões na melhoria deste trabalho.

À minha família, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Aos meus filhos, Mischel, Maxwel, Mischely e Mirely que sempre iluminaram, de maneira especial, os meus pensamentos, incentivando-me a buscar mais conhecimentos. Agradeço, de forma grandiosa, aos meus pais, Raimundo Vitalino e Maria Wanderley, que sempre acreditaram em mim e apoiaram todas as minhas decisões.

Aos meus amigos, companheiros de trabalho e irmãos/amigos, que sempre fizeram parte da minha vida, que sempre acreditaram, apoiaram e contribuíram para que eu pudesse encarar e vencer essa batalha.

Ao Sr. Francimar Fernandes de Albuquerque, que acolheu-me em sua residência, que me transportava quase toda semana de Feijó à Rio Branco e vice-versa, para que eu pudesse frequentar esse curso e que sempre ajudou-me quando nele busquei amparo.

À Prefeitura Municipal de Feijó e às Secretarias Municipal e Estadual de Educação, por serem flexíveis, permitindo-me viajar para estudar toda semana sem comprometer, nem prejudicar meu trabalho.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

SILVA, Marta Maria Wanderley da. *Leitura literária: novas possibilidades de pensar a leitura na escola*. 2015. 74 f. Dissertação de Mestrado – Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, 2015.

RESUMO

A leitura literária está enfrentando, ao longo dos anos, inúmeras crises e carências, fato que provocou profundas discussões no setor educacional, uma vez que vivemos uma deficiência educacional de grandes proporções por falta de leitura entre professores e alunos. Pretendemos fazer uma reflexão acerca da leitura literária com uma turma de 9º ano, a fim de demonstrar como podemos promover o aumento da leitura de textos literários no ensino fundamental. Também, descrevemos como os educadores e gestores lidam com a questão da leitura literária no ambiente escolar. Depois, apresentamos uma proposta de trabalho com narrativas curtas, utilizando tecnologias educacionais, com a finalidade de incentivar a leitura literária, em vários contextos culturais, e mostrar as múltiplas possibilidades de estudo dos contos e crônicas. Por último, foram revistas algumas proposições a respeito da linguagem oral e escrita, na leitura de narrativas curtas, visto que ao desenvolver a oralidade, o aluno fortalece as habilidades de leitura no processo de ensino-aprendizagem. A metodologia adotada foi fazer um levantamento, análise e fichamento de livros e artigos sobre Teoria do Conto e da Crônica, sobre tecnologias educacionais. Foi recortado um viés teórico centrado em Massaud Moisés (2006), Rogel Samuel (2002), Magda Soares (2002), Adriana Isensee (2004), Luiz Carlos Cagliari (1992) entre outros. Por fim, utilizamos o facebook para trabalhar com contos e crônicas em sala de aula, efetivando uma prática pedagógica mais eficiente com os gêneros textuais.

PALAVRAS-CHAVE: literatura infanto-juvenil. Leitura literária. Narrativas curtas. Tecnologias educacionais.

SILVA, Marta Maria Wanderley da. *Literary reading: a new way of thinking about reading in school*. 2015. 74 p. Thesis of Master. Profesional Master Program in Languages –(PROFLETRAS), Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, 2015.

ABSTRATC

The literary reading is experiencing, over the years, numerous crises and needs, a fact that caused deep discussions in the educational sector, since we live an educational deficiency of large proportions because it has few reading exercises between teachers and students. We want to do a reflection on the literary reading with 9th years classes, to demonstrate how we can promote an increase in the reading of literary texts in elementary education. We also describe how the educators and managers handle with the question of literary reading in the school environment. Then, we did an intervention to work short narratives using educational technologies, with the aim of encouraging the literary reading in various cultural contexts and to show the multiple possibilities to study of short stories and chronicles. Finally, we have reviewed some propositions about on oral and written language, in the reading of short narratives, since developing oral language, the student strengthens the skills of reading in the teaching-learning process. The methodology adopted was to do a survey, analysis of books and articles on Short story teory and the fait divers, and books about educational technologies too. It was the theoretical apport include on Massaud Moisés (2006), Rogel Samuel (2002), Magda Soares, Adriana Isensee and Cagliari (1992) among others. We opened Facebook to work with short stories and chronicles in the classroom. This is a more efficient pedagogical practiceto work with the textual genres.

KEY-WORDS: Children's Literature. Literary reading. Short stories.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 SINTETIZANDO A HISTÓRIA DA LITERATURA	14
2.1 O Ensino da Literatura: Algumas Reflexões	19
2.2 A Leitura Literária.....	24
2.3 A Leitura de Textos Literários na Escola	26
2.4 A Linguagem Oral e a Contação de História.....	29
3 ENTENDENDO NARRATIVA	32
3.1 Os Gêneros Literários.....	34
3.2 O Conto	35
3.3 A Crônica	39
3.3.1 A Relevância do Trabalho com Crônicas na Formação do Educando	42
3.3.2 A crônica na Sala de Aula	46
4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO – ENTRE CONTOS E CRÔNICAS	49
4.1 Apresentando o Projeto.....	50
4.2 Criando a Fanpage "Entre Contos e Crônicas"	52
4.2.1 Sequência Didática.....	56
4.3 Problematizando “Conto e Crônica” na Sala de Aula	60
4.4 Definindo os Gêneros Conto e Crônica.....	61
4.5 Exercitando a Oralidade: Contação de Contos	62
5 METODOLOGIA	66
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS (ANÁLISE DOS DADOS)	68
REFERÊNCIAS	71
ANEXO A: DVD DE UTILIZAÇÃO DA FANPAGE	76

1 INTRODUÇÃO

A leitura sempre foi um tema de larga discussão no âmbito da escola básica, no nível médio, nas universidades e nas instituições que prezam pela melhoria do processo de ensino aprendizagem, especialmente quando tratamos, mais especificamente, da leitura de textos literários. Desse modo, nossa intenção é desenvolver uma pesquisa acerca da leitura em literatura, refletindo sobre os processos que dinamizam essa prática.

É necessário pensar em práticas de leitura de textos literários que conduzam ao repensar de nosso fazer didático, de tal maneira que ensinar os conteúdos da literatura não se limite à mera prática de ler textos de diferentes gêneros textuais, porém, buscar propostas que permitam aos alunos obter formas de apropriação de um adequado desenvolvimento intelectual e cognitivo.

Assim sendo, pretendemos sugerir alternativas para melhorar as formas de trabalhar com os textos literários, para melhorar as aulas de literatura, sobretudo para alunos do 9º ano do ensino fundamental II. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1999, p. 69-70):

Ler não se trata de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade mais aprofundada a qual requer procedimentos e estratégias tais como: seleção, antecipação, inferência e verificação. Sendo assim, a decodificação implica em apenas um passo, mas não o fundamental e muito menos o passo principal.

Apesar de a leitura literária ser motivo de debate e o interesse por seu efeito no aperfeiçoamento intelectual do indivíduo ser unânime entre estudiosos e educadores de todo o país, permanecem ínfimos os avanços alcançados para atingir níveis satisfatórios de rendimento, no que concerne a tal quesito. O que se tem presenciado é um total descompasso entre o que se quer atingir como excelência e a formação leitora que se tem alcançado na prática escolar.

De modo que poucos alunos conseguem um bom rendimento enquanto leitores fluentes e assíduos, e cada vez mais as habilidades de escrita têm se mostrado tímidas e insuficientes para formar, com clareza, o processo comunicativo. Assim, as avaliações internas e externas da escola não têm conseguido atingir os objetivos esperados, isto é, não têm conseguido formar leitores eficientes, aptos a compreenderem qualquer texto lido, literário ou não, eficiente na utilização das

palavras e, acima de tudo, críticos. Esse fato levanta, então, a necessidade de se intensificar as discussões em torno dessa problemática, para, fundamentalmente, encontrar e apontar meios que possam garantir a melhoria do ensino de língua portuguesa, leitura e literatura, no sistema público de ensino no Brasil.

Por conseguinte, nosso objetivo geral, neste trabalho, incide, prioritariamente, em ampliar a compreensão acerca da importância da leitura literária nos anos finais do ensino fundamental, a fim de suscitar intervenções significativas no desenvolvimento da prática pedagógica dos educadores. Destarte, será incluído, neste estudo, o trabalho com narrativas curtas, proporcionando reflexões sobre o modo como leituras desses gêneros podem auxiliar na melhoria da competência leitora e escritora das crianças.

Para dar o devido direcionamento à temática em causa, nossos objetivos específicos são, entre outros: a) utilizar uma ferramenta midiática *Fanpage* a fim de potencializar a competência leitora e escritora dos educandos; b) despertar o gosto pela leitura literária, bem como a compreensão e análise dos gêneros conto e crônica; c) discorrer sobre a importância da linguagem oral para recontar esses gêneros, de modo que a leitura possa fazer mais sentido e se tornar mais acessível aos alunos, identificando os textos por meio de sua linguagem típica, assim como de suas características próprias; d) oportunizar aos professores momentos de reflexão sobre a temática em questão, a fim de que estes passem a priorizar a leitura de boa literatura como fonte de formação e informação dos educandos.

A fundamentação teórica se apoiou no pensamento de autores como: Magda Soares (2002), Massaud Moisés (2006) e Brandão e Spinillo (1998), que voltaram grande parte de suas vidas e obras ao estudo e compreensão dos processos de leitura e escrita no ensino de literatura e língua portuguesa.

Além disso, selecionamos alguns artigos do livro *Leitura de Literatura na Escola* (2013), organizados por três professoras doutoras, Maria Amélia Dalvi, da Universidade Federal do Espírito Santo, que se dedica em fazer aproximações entre literatura e educação; Neide Luzia de Rezende, da USP, que também tem experiência na área de educação, com ênfase no ensino de literatura e Rita Jover-Faleiros, da UNB, na qual atua e desenvolve pesquisa na área de ensino de leitura e ensino de leitura literária. Os artigos selecionados foram: de Neide Luzia Rezende, “O ensino de literatura e a leitura literária”; “Literatura na escola: propostas

metodológicas”, de Maria Amélia Dalvi e “A leitura literária como experiência”, de Márcia Cabral da Silva.

Também, foram utilizados outros autores como Benjamin Abdala Junior (1995), Luiz Carlos Cagliari (1992), Adriana Sestrem Isensee (2004), dentre outros. Dessa forma, a relevância desta pesquisa consiste em trazer as discussões mais essenciais sobre o modo como a prática da leitura literária tem sido desenvolvida pelas escolas de ensino fundamental II.

Este trabalho foi dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, foi realizada uma abordagem teórica sobre literatura e leitura literária. Depois, foi feito o levantamento de problemáticas concernentes ao trabalho desenvolvido em sala de aula. O segundo capítulo vem conceituando narrativas e, sobretudo, enfatizando a importância das narrativas curtas e dos gêneros textuais conto e crônica, trazendo uma discussão sobre o quanto os gêneros podem auxiliar e/ou determinar o tanto que cada aluno pode avançar ao longo de sua vida escolar, com uma proposta de trabalho com esses gêneros;

O terceiro capítulo propõe estratégias de atividades que possam ajudar os educadores a sanar, pelo menos em parte, esse déficit na leitura dos educandos, utilizando os textos literários e uma ferramenta midiática, *Fanpage*. São apresentados alguns apontamentos, no que diz respeito às dificuldades enfrentadas pelos educadores, e propõe aos docentes subsídios metodológicos que os auxiliem em sua prática educativa. O quarto capítulo descreve as metodologias empregadas nessa investigação, enfatizando os métodos e técnicas utilizados na pesquisa.

Vale ressaltar que dentre a diversidade de gêneros textuais, que os professores têm à disposição, para realizar um trabalho em sala de aula, elegemos aqueles considerados mais atrativos como objeto de análise e de estudo dessa investigação (conto e crônica), visto que desde muito cedo as crianças têm contato com esses gêneros, desde a pré-escola, sejam através de narrativas orais, que resistem através dos tempos, comumente ouvidos em casa e transmitidos pelos adultos, sejam com leituras presentes em livros que privilegiam essa modalidade de gênero textual.

Desse modo, é imprescindível para os educandos o desenvolvimento do hábito da leitura, não apenas para se deliciar, como também para desenvolver outras competências relacionadas ao universo da leitura como, por exemplo: a interpretação que enriquece o raciocínio, estimula a imaginação e a criatividade;

possibilita a articulação do pensamento e, por conseguinte, garante o aperfeiçoamento da expressão escrita. Pretendemos contribuir para a solidificação da ação competente do leitor, através desses textos, tornando-os o fio condutor do processo de descoberta do prazer de ler e de escrever do aluno.

2 SINTETIZANDO A HISTÓRIA DA LITERATURA

No Brasil, durante muitos anos, o processo de escolarização foi guiado por teorias tradicionais, começando com a chegada dos primeiros jesuítas, em 1549, sendo estes os principais responsáveis pelo processo de aculturação imposto por Portugal, na colonização do nosso país. O objetivo maior desses religiosos era converter os índios ao Cristianismo, difundir a fé católica, sobretudo, agregar os valores culturais portugueses e disseminar os preceitos da Igreja Católica. Nesse contexto, os colégios jesuíticos, durante um longo período, foram mantidos como sendo a principal e mais importante instituição educacional para formação da elite colonial. Segundo Ribeiro (2007, p. 24):

A elite era preparada para o trabalho intelectual seguindo um modelo religioso (catolicismo) mesmo que muitos de seus membros não chegassem a ser sacerdotes. Isto porque, do apoio real oferecido, a Companhia de Jesus se tornou a ordem dominante no campo educacional. Isto, por sua vez, fez com que os seus colégios fossem procurados por muitos que não tinham realmente vocação religiosa, mas reconheciam que este era a única via de preparo intelectual.

Naquele momento, a leitura se caracterizava como uma tarefa essencial para a formação espiritual daqueles que seguiam os ensinamentos cristãos da Igreja Católica. Qualquer tipo de leitura, que pudesse desviá-los de seus objetivos, era considerado inconveniente. As leituras recomendadas aos estudantes eram sempre obras de estudiosos ligados à igreja, com conteúdos centrados na Bíblia Sagrada e outros livros que pudessem levá-los a serem mercedores do reino dos céus.

Nesse sentido, a leitura não possibilitava ao leitor realizar outras interpretações além daquelas textualmente já explícitas. Os livros eram lidos e tidos como verdades absolutas e inquestionáveis, não eram utilizados com a intenção de proporcionar aos alunos uma visão mais ampla da realidade, mas sim, serviam, sobretudo, para impor os valores cristãos. Neste período, a cultura portuguesa era imposta e todos deveriam crer que era a única, boa e adequada para a sociedade, portanto:

[...] lança mão de livros e mesmo de bibliotecas (então livrarias) como instrumento de convencimento, de persuasão, de saber. É, contudo, mais significativo perceber que os livros – e a sua quantidade – estarão fisicamente mais ou menos presentes e disponíveis, de todo modo, trata-se de uma cultura cristã que se alicerça e textos consagratórios de autoridades, que podem estar

presentes ou não e que se referem à palavra divina que está consubstanciada em textos sagrados reunido em um livro santo relato da origem e código de conduta – que é a Bíblia. (FLORES, 2003, p. 75).

Nesse contexto educacional, o Brasil permaneceu até fins do século XIX. Foi somente no século XX, que as mudanças começaram a acontecer, no entanto, o sistema educacional não se solidificava, além de sempre ter uma importância secundária para o governo republicano. Como citado anteriormente, a leitura tinha como base a matriz tradicional, em que contribuía somente para formação do indivíduo para viver a realidade na perspectiva da religião, sem possibilitar aos indivíduos uma preocupação com os problemas sociais ali existentes, nem tampouco refletir sobre os textos lidos.

Ao longo do tempo, as transformações e mudanças foram acontecendo e a leitura passou a ser concebida enquanto uma prática social capaz de contribuir para tornar o sujeito crítico e consciente, capaz de ter condições de questionar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e seu conhecimento prévio, conhecer e interpretar a sua realidade.

Lamentavelmente, ainda não chegamos a concretizar o ideal pretendido no que diz respeito à competência leitora. Segundo Ezequiel T. da Silva (1996, p. 21), o acesso aos livros e à leitura não foi democratizado em nosso meio, embora não se possa negar o aumento de ações que buscam a melhoria desse aspecto. A leitura ainda não é concebida como hábito, tendo em vista que a cada dia vem perdendo mais espaço para distrações mais atraentes tais como as redes sociais na internet, o uso do *WhatsApp*®, frequentar o cinema ou a avidez por novelas e seriados de TV. Ele ainda esclarece que:

A “crise da leitura” com índices baixíssimos de qualidade de leitura não é um problema somente de nosso século XX e XXI. Ela vem sendo produzida desde o período colonial, em paralelo com a reprodução do analfabetismo, com a falta de bibliotecas bem estruturadas nas escolas e com a inexistência de políticas concretas, menos utópicas, para popularização da leitura e do livro. (SILVA, 1996, p. 21).

Em uma sociedade que busca uma educação pública de qualidade, o hábito de ler precisa ser incentivado tanto em casa como na escola, e para que isso aconteça, todos os esforços devem ser concentrados para que os educandos adquiram as habilidades necessárias para uma integração satisfatória no mundo letrado.

Passamos agora a discorrer sobre a história da literatura. Mesmo antes da história da literatura se reconhecer como tal, a poesia foi privilegiada. De acordo com Zilberman (1990, p.12), a literatura quando nasceu na antiga Grécia, não tinha esse nome. Chamava-se poesia e existia para o divertimento da nobreza, entre uma guerra e outra. Sua forma de apresentação era oral, narrada por profissionais da palavra, pessoas que narravam as batalhas do passado.

Delongaram-se muitos séculos até a *Poesia* passar a ser chamada de Literatura, nome que por fim foi adotado. Embora seu nome tenha mudado, o seu sentido prevalece até os dias de hoje. Desde sua origem, a *Poesia* assumiu também um caráter educativo, tanto que esta não era usada somente em festivais de declamação promovidos pela nobreza, mas também em favor do Estado como forma de fornecer padrões à comunidade. De acordo com Zilberman (1990, p. 13), “uma certeza, contudo, mantém-se com o tempo: a de que o texto poético favorece a formação do indivíduo, cabendo, pois, expô-lo à matéria-prima literária, requisito indispensável a seu aprimoramento intelectual e ético”.

Durante o período da Renascença, a relação literatura e ouvinte perdeu o caráter comunitário e público, assumindo um aspecto mais individual e particular. Essas mudanças acarretaram consequências profundas para o Estado que não conseguiu mais ter domínio sobre o povo por meio da literatura e transferiu para a escola o caráter pedagógico de ensinar (ZILBERMAN, 1990, p. 14).

No entanto, foi somente após a Revolução de 1789 que a literatura nacional se tornou obrigatória quando introduzida pelos franceses, como objeto da história literária, o que representou grandes mudanças, consagrando a literatura como parte do currículo escolar. Historicamente, foi somente no século XIX que os estudos literários no Brasil constituíram-se, ganhando um novo impulso, principalmente pela quebra do estatuto colonial.

Imprensa, periódicos, escolas superiores, debate intelectual, grandes obras públicas, contato livre com o mundo [...] Foi a Época das Luzes, acarretando algumas consequências importantes para o desenvolvimento da cultura intelectual e artística, da literatura em particular. Posta a cavaleiro entre um passado tateante e o século novo, que se abriria triunfal com a Independência, viu o aparecimento dos primeiros públicos consumidores regulares de arte e literatura; a definição social do intelectual; a aquisição, por parte dele, de hábitos e características mentais que o marcariam até quase os nossos dias (CANDIDO, 1971, p. 227).

Para Lajolo, o nascimento da história da literatura se associa às instituições do Estado Moderno: “(...) vínculo este que, na história da literatura europeia, desemboca e traduz-se no processo de inclusão das literaturas nacionais modernas no currículo escolar” (LAJOLO, 1995, p. 28).

Como sabemos, a literatura brasileira está ligada à literatura portuguesa. Durante muito tempo, fomos submissos àquela literatura, respeitando suas manifestações e seus reflexos. Foi somente com o romantismo que nossa literatura começou a surgir, buscando alcançar sua autonomia e criar manifestações literárias próprias, baseada na expressão da nação independente.

Como primeiras manifestações românticas podemos citar os pressupostos de Gonçalves Dias e José de Alencar, os quais evidenciaram as principais temáticas do movimento preocupando-se em:

Determinar como ela (a literatura) surgiu aqui, já que o relativismo então reinante ensinara que as instituições da cultura radicam nas condições do meio, variando segundo elas. E como a época era de exigente nacionalismo, consideravam que lutara dois séculos para se formar, a partir do nada, como expressão de uma realidade local própria, descobrindo aos poucos o verdadeiro caminho, isto é, a descrição dos elementos diferenciais, notadamente a natureza e o índio. (...) Daí a concepção passou à crítica naturalista, e dela aos nossos dias, levando a conceber a literatura como processo retilíneo de abrasileiramento, por descoberta da realidade da terra ou recuperação de uma posição idealmente pré-portuguesa, quando não antiportuguesa. (CANDIDO, 2008, p. 99).

As grandes contribuições historiográficas da literatura brasileira foram oriundas de autores estrangeiros, principalmente pelo francês Ferdinand Denis, que merece destaque por separar a literatura brasileira da portuguesa e, ainda, por acreditar que um país deve ser livre tanto no governo como na poesia.

Assim, as hipóteses lançadas por esses autores foram de grande influência aos críticos românticos, que inflamados pelo patriotismo, analisaram, articularam e debateram a nossa literatura. Poetas e romancistas brasileiros como Machado de Assis, Érico Veríssimo e Silvio Romero foram consolidadores de nossa independência literária, sendo os dois últimos, fundadores da história da literatura brasileira como a conhecemos hoje (CÂNDIDO, 2009).

Até o século XVII, não se escrevia para o público infantil, haja vista que as crianças conviviam, igualmente, com os adultos e os textos literários eram escritos para ambos, sem distinção. Foi somente a partir do século XVIII que as crianças

passam a ser vistas como um ser diferente dos adultos, com qualidades, necessidades e características próprias. Segundo Zilberman (1987, p. 13),

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros.

Os primeiros livros literários escritos, para crianças, são de cunho educativo, o que contribuiu para aproximar a escola e o gênero literário. As primeiras produções literárias para esse público vieram por meio de Charles Perraut, que traz histórias ou contos do tempo passado, fazendo adaptações de narrativas populares e atrelando a elas valores comportamentais da burguesia. A Bela Adormecida do Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Gato de Botas, A Gata Borralheira são exemplos de contos que se imortalizaram por todos os países ocidentais.

Segundo Cunha (1987, p. 20), “no Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias”. A literatura infantil genuinamente brasileira teve seu início com Monteiro Lobato, que rompe com o caráter didático e moralizante, desfazendo preconceitos e passa a dar destaque às onomatopeias e os neologismos, que são preponderantes em seus textos.

Foi também com Monteiro Lobato que o mercado voltado para a literatura infanto-juvenil começou a se concretizar. Com a nova roupagem da história original de Narizinho Arrebitado, o autor concilia tradição e inovação, contribuindo para uma nova fase da literatura infanto-juvenil, sendo esta voltada para uma nova concepção de mundo e de sociedade, procurando relacionar este tipo de literatura com a educação, contudo, rompendo com os paradigmas da instituição tradicional de ensino (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998).

No entanto, pouca atenção é dada a esse tipo de gênero, sendo muitas vezes marginalizado e deixado de lado. Segundo Ceccantini (2004, p. 20), o desinteresse pelo estudo da literatura infanto-juvenil dá-se por causa da “volatividade do objeto em causa, resistente ao enquadramento em definições precisas e à clara delimitação, situando-se numa espécie de limbo acadêmico, que o transforma, por

vezes, em propriedade de todos e, ao mesmo tempo, de ninguém”. Isto significa que por não possuir uma definição precisa e por sua diversidade de estilos e de conteúdos, a literatura infanto-juvenil foi considerada menos importante: Ceccantini em artigo intitulado “Leitura e literatura infanto-juvenil”, datado de 2004, ao tratar da definição de literatura infantil e juvenil, cita Hunter (1990) para afirmar:

Trata-se de um tipo de literatura cujas fronteiras são muito nebulosas; não pode ser definido por características textuais, seja de estilo, seja de conteúdo, e seu público principal, a “criança-leitora”, é igualmente escorregadio. Como um *outsider* do universo acadêmico, não se encaixa nitidamente em nenhuma das disciplinas estabelecidas e tem sido certamente esnobado por alguma delas. (CECCANTINI, 1990, p. 1).

Apesar de a literatura infanto-juvenil possuir uma diversidade de temas que alimenta o mercado livreiro nessa área, com o avanço das tecnologias disponíveis, existe uma grande concorrência com outras formas de lazer como o computador, internet, cinema, as redes sociais, dentre outros, que acabam minimizando o interesse dessa clientela por esse gênero literário.

Outrossim, percebemos que o quadro da literatura infanto-juvenil, no Brasil, no século XXI, tem melhorado satisfatoriamente, permitindo aos leitores maior percepção da importância desse gênero, pois através dos temas abordados nos livros são trabalhadas questões importantes para o engrandecimento de um cidadão futuro, com recortes de gênero, raça, diversidade e etnia, promovendo a igualdade.

2.1 O Ensino da Literatura: Algumas Reflexões

Nos últimos 10 anos, temos advogado em favor do texto literário, na conquista e formação do leitor. Vejamos o contexto em que se encontra inserido o ensino da literatura, na escola básica, nessa segunda década de 2000.

Neide Rezende, ministrando uma palestra, em 2010, no I Simpósio Texturas do Saber, realizado no IBILCE (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas), em São José do Rio Preto, fez observações relevantes sobre as aulas de literatura no tempo atual. A autora acredita que no ensino da língua portuguesa, nessas últimas quatro décadas, predominou o uso das teorias linguísticas no âmbito do ensino, cuja entrada foi tão forte que abalou concepções arraigadas, como a da gramática normativa, que “reinava”, sendo único conteúdo pertinente nas aulas de língua portuguesa, no ensino básico (2013, p. 100).

Rezende tece uma discussão sobre como as novas teorias linguísticas, tais como a linguística textual e as teorias discursivas, inauguraram um novo paradigma no ensino de português, que sempre incluiu a literatura, tornando o ensino dos gêneros textuais uma prática quase hegemônica no ensino básico.

Nesse sentido, o professor utiliza uma variedade de gêneros textuais. Porém, após a leitura do texto, propõe atividades que se referem somente a conteúdos da gramática tradicional, sem qualquer cobrança de uma interpretação mais aprofundada do texto ou comentários de como fazer uma leitura mais ampla, mais significativa, na qual possam ser exploradas as emoções e sensações do leitor.

Na verdade, os conteúdos da literatura se diluíram nos estudos dos gêneros textuais, sendo que algumas vezes o educador utiliza textos fragmentados dos livros didáticos e, ainda, muitos outros gêneros textuais para trabalhar com literatura. Todavia, sem nenhum objetivo proposto para desenvolver esse trabalho:

Nas últimas décadas, a linguística textual e as teorias discursivas instauraram um novo modelo, sendo quase hegemônica a vertente de “teoria dos gêneros” (mal) fundamentada em Bakhtin. No caso da literatura, as novas ferramentas provenientes da própria linguística e de abordagens literárias advindas de outras áreas (lk psicanálise, sociologia, antropologia, filosofia...) instigam algumas tentativas de mudança do ensino da literatura no nível fundamental e médio, incentivadas também por propostas oficiais no âmbito federal, quanto estadual e municipal (REZENDE, 2013, p. 101).

Rezende também pondera que a perspectiva dominante no ensino de literatura tem sido a adoção e o ensino da história da literatura, centrada no racionalismo literário. Os professores ensinam os períodos literários, também chamados de escolas literárias, Romantismo, Parnasianismo, Modernismos e outros “ismos”, alistando autores e obras do cânone, como se nada mais importasse ensinar em literatura:

A história da literatura centrada no nacionalismo literário ainda é de longe a perspectiva dominante, no ensino da literatura, desdobrando-se em sequência temporal numa lista de autores e obras do cânone português e brasileiro e suas respectivas características formais e ideológicas. O livro didático é o maior bastião dessa perspectiva, tendo como história uma visão muito particular, com resíduos nada desprezíveis do positivismo do século passado e do anterior (REZENDE, 2013, p. 101).

Isso posto, percebe-se que o trabalho didático pode, muitas vezes, interromper o elo que potencializa o texto literário e as angústias do leitor. Colomer

(2007, p. 63) foi muito feliz ao citar as palavras de Célestin Freinet, no seu livro *'Consejo a los maestros jóvenes'* (1978) quando afirma: "Não obrigará um cavalo a beber água, se não tem sede". Logo, todo educador precisa gostar de ler, escrever e proporcionar o contato diário dos estudantes com os livros, seja lendo para os alunos ou com eles, fazendo visitas periódicas à biblioteca, proporcionando atividades que estimulem à leitura de forma plural e, principalmente, deve se convencer da importância da leitura da literatura.

Partindo desse pressuposto, pode-se afirmar que a leitura do texto literário na escola é um processo no qual o aluno pode aprender a realizar um trabalho ativo de construção de hábitos de leitura, a partir dos seus objetivos, do conhecimento sobre o assunto e de tudo que sabe e domina sobre a língua.

Dessa forma, nessa prática, o conto, a fábula, a crônica, etc, por sua brevidade, poderiam ser um instrumento adequado para estabelecer essa ponte entre o aluno e a motivação para a leitura, entre o aluno e a construção de sentidos, que enriqueça seu vocabulário e o torne letrado, com uma vasta bagagem cultural sobre diversos assuntos da atualidade.

Para ensinar o aluno a gostar de ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos; é preciso confrontar o conhecimento já adquirido pelos alunos e o que é apresentado pelo texto, perceber o que está oculto e diante dos olhos, recebendo incentivo e a ajuda de um professor, que seja também um leitor competente. Kleiman (2004, p. 151-152) ressalta que ensinar a ler é:

(...) criar uma atitude de experiência prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, (...) é ensinar a criança a se autoavaliar constantemente durante o processo para detectar quando perdeu o fio; é ensinar a múltipla fonte de conhecimentos – linguísticas, discursivas, enciclopédicas – para resolver falhas momentâneas no processo; é ensinar, antes de tudo, que o texto é significativo, e que as sequências discretas nele contidas só tem valor na medida em que elas dão suporte ao significado global.

A escola deve dar chance ao aluno de ler, segundo sua variante linguística, não obrigá-lo, logo na primeira leitura, a ler no dialeto da escola. À medida que o aluno vai compreendendo o sentido de ler obras literárias, ele vai percebendo o mundo, as pessoas, as coisas e a si próprio, de forma mais crítica e criativa. Segundo Ezra Pound (1970, p. 38-39):

A ambição do leitor pode ser medíocre e a ambição de dois leitores não há de ser idêntica. O professor só pode ministrar os seus ensinamentos àqueles que mais querem aprender, mas ele pode sempre despertar os seus alunos com um 'aperitivo', ele pode ao menos fornecer-lhes uma lista de coisas que vale a pena aprender em literatura ou num determinado capítulo dela. O primeiro pântano da inércia pode ser devido à mera ignorância da extensão do assunto ou um simples propósito de não se afastar de uma área de semi-ignorância. A maior barreira é erguida, provavelmente, por professores que sabem um pouco mais que o público, que querem explorar a sua fração de conhecimento e que são totalmente avessos a fazer o mínimo esforço para aprender alguma coisa mais.

Dessa maneira, é imprescindível que os indivíduos sejam orientados pelos professores a ler diferentes obras infanto-juvenis, que foram adaptadas para filmes nacionais ou estrangeiros e de autoria masculina ou feminina, dentre os mais consagrados.

Será assim que as crianças ficarão familiarizadas com os clássicos desde cedo, podendo ser este o passo fundamental para experimentar o gosto pela leitura. No contexto escolar, devem ser adotados alguns objetivos a serem trabalhados, na prática, com relação à leitura de textos literários, na sala de aula, promovendo nos indivíduos as capacidades explicitadas abaixo:

1. Pensar a leitura de textos literários como porta de entrada para o desenvolvimento do hábito da leitura das crianças;
2. Começar pelas narrativas curtas;
3. Selecionar as histórias pelas temáticas principais: aventura, mistério, amor e ficção científica.

O objetivo da escola deve ser o de formar leitores competentes, capazes de produzir textos coerentes, organizados e claros. Para se alcançar competência na leitura é necessário ter uma experiência mais ampla de contato com a linguagem, em toda a sua complexidade, trabalhando a diversidade textual, as situações de produção de textos e interlocutores reais, igualmente a literatura, em toda sua riqueza, desde os primeiros momentos do trabalho pedagógico em sala de aula.

Acredita-se que as narrativas curtas servirão de base para leituras mais amplas e complexas dos textos literários, uma vez que os conteúdos não são meramente informativos, são também exemplos de arte com as letras, obras de valor estético e artístico.

Então, adotar uma abordagem, nesse sentido, possibilitaria aumentar o gosto do aluno pela leitura, além de proporcionar situações com novas estratégias

capazes de romper com as rotinas da sala de aula, que já não despertam interesse como, por exemplo, o professor trabalhar somente voltado ao livro didático. É preciso alargar horizontes e oferecer, aos alunos, universos múltiplos de leitura.

Para o sucesso da leitura é imprescindível que o estudante tenha clareza dos objetivos de um determinado texto literário, no intuito de alcançar metas. Desse modo, cabe ao professor saber que a forma como ele irá orientar o leitor estudante é que poderá ou não levar à eficácia do momento da leitura.

De outra parte, o leitor competente deve ter condições de interrogar-se sobre sua própria compreensão do texto, mas cabe ao professor oferecer os nortes para que ele possa realizar tais interrogações acerca de sua leitura. O professor deve ser um facilitador.

Considera-se, ainda, que a vivência de cada aluno também implicará no modo como ele irá interagir com os textos lidos, pois à medida que o conhecimento de mundo se entrelaça com as narrativas dos textos, a leitura de literatura poderá ou não fazer mais sentido e se tornará ou não mais acessível e compreensível para cada um.

Importa, também, nesse cenário, lembrar que os níveis de conhecimento, bem como o acesso habitual à linguagem utilizada nos textos literários farão com que domínio e interpretação se efetivem de fato. De acordo com Brandão e Spinillo (1998, p. 32):

A compreensão em leitura abarcaria a capacidade de apreender o significado do texto. Alguns fatores estariam envolvidos nesse processo, como as habilidades linguísticas e cognitivas do leitor, o tipo de texto a ser compreendido (narrativo, argumentativo) e as condições em que a tarefa é apresentada. Portanto, na compreensão de textos interfere tanto o tipo de texto quanto a sua forma e conteúdo, assim como também o leitor com suas expectativas, objetivos e conhecimentos prévios.

Os mecanismos desenvolvidos por cada indivíduo variam bastante tanto no tocante à leitura quanto à escrita. E, ademais, um bom leitor pode não vir a ser necessariamente um bom escritor, devido às formas como tal indivíduo apropriou-se de uma ou de outra habilidade, ou, ainda, em função de conhecimentos diferenciados que cada um obtém ao longo da vida. Entretanto, é fato também que quanto mais conhecimento se tem, e quanto maior forem as experiências de leitura,

mais facilidade um aluno terá para desenvolver a expressão escrita e mais diversificado será o repertório linguístico absorvido por ele.

Além do mais, para se redigir textos com gêneros específicos, os alunos precisam ter acesso às estruturas de composição de tais gêneros, conhecer as categorias da narrativa, para depois poder exercitá-las na escrita. É preciso conhecer o que seja enredo, personagens, narrador, ponto de vista, tempo, espaço, funções e características e isso, geralmente, ocorre a partir da leitura que se faz de variados tipos de texto.

Sendo assim, a leitura precederá à escrita e fornecerá as ferramentas necessárias para que o estudante produza textos escritos, de qualidade, atendendo, conservando e representando os traços específicos da linguagem própria de cada gênero literário.

2.2 A Leitura Literária

Para Adriana Isensee (2004, p. 24), “a leitura literária caracteriza-se como uma atividade intelectual de excelência humana, que envolve vários aspectos, como afetivo, cognitivo, lúdico, intelectual”. Isensee também aponta o processo da leitura literária como algo que se constitui em uma atividade social que exige a construção de habilidades de leitura, não inatas ao ser humano. Sendo através dela que as pessoas podem realizar

[...] descobertas que a vida, em sua fluidez, nem sempre nos permite experimentar. Com a leitura literária encontraríamos possibilidade de enriquecer o intelecto e a moral, além da possibilidade de afastar e juntar tempos distantes e, se assim o for, conhecer a si mesmo e aos outros. (ISENSEE, 2004, p. 25).

Diante das afirmações acima, acredita-se que o indivíduo começa a perceber a importância da leitura literária como uma das mais importantes ações humanas, uma vez que permite realizar descobertas, navegar em tempos remotos, conhecer-se e conhecer as outras pessoas. Tentando discutir essa dimensão social da leitura literária, Adriana Isensee (2004, p. 27), pondera que:

(...) a leitura literária seria um: mergulhar pelas palavras, imagens, mundo adentro, devorando-as, e penetrar no mundo fantástico que já existe também dentro do leitor. O ato de ler uma obra pode ser compreendido assim como uma prática social, algo que se inscreve na dimensão simbólica das atividades humanas. Ao produzir leitura, o sujeito se engaja automaticamente na dinâmica do processo

histórico-social de produção de sentidos, o qual não lhe é evidente. Espaço da palavra, a leitura literária representa a expressão mais refinada dessa capacidade simbólica do homem. Ela é uma atividade de interação que propicia ao leitor operar mentalmente sobre o mundo e sobre os seus próprios pensamentos, estabelecendo relações e formulando generalizações.

Assim, será possível perceber porque as metáforas, para explicar o ato de ler, sempre envolvem imagens relacionadas ao ato de comer: devorar, engolir, ou ainda, verbos de forte ênfase como “penetrar”. Todas essas imagens descrevem a imensidão do ato da leitura em nossa vida e o quanto ler vai mais além do que somente decodificar o alfabeto. Isto significa que a leitura, principalmente de textos literários, envolve o indivíduo numa teia de relações, que ele vai decodificando conforme o seu repertório de leitor, sua bagagem cultural. Desta forma, ela pode ser entendida como prática social porque remete o leitor para outros livros e leituras, outros filmes, história e momentos, “atividade mental complexa em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas no seu conhecimento linguístico, sociocultural e enciclopédico” (ISENSEE, 2004, p. 28).

Isso acontece porque ao ler o leitor faz comparações, tece parâmetros, busca semelhanças ou divergências com o pensamento de outros autores. Estas ações são frutos da intelectualidade realizada pelo leitor enquanto realiza a leitura. Assim, a leitura de textos literários pode oportunizar aos estudantes uma forma mais eficaz de compreensão e argumentação, podendo desenvolver a capacidade de refletir e tomar suas próprias decisões no decorrer de sua vida.

É, nesse sentido, Yunes e Pondé (1988, p.10) afirmam que a leitura literária é um:

[...] instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo, lidar com a ciência, a cultura e o processo de trabalho, uma vez que trata de um discurso que fala da vida, encarando-a sempre de modo global e complexo em sua ambiguidade e pluralidade de faces.

Além disso, a leitura literária deve ser considerada um aspecto permanente da condição humana, uma habilidade a ser adquirida, desde cedo, e treinada em suas várias formas. De acordo com Bordini e Aguiar (1993, p.15) a leitura literária é uma “atividade [...] que se exprime pela reconstrução, a partir da linguagem, de todo o universo simbólico que as palavras encerram e pela concretização desse universo com base nas vivências pessoais do sujeito”.

Assim, a visão transmitida pela escola básica, para todas as crianças, independente da classe social, é que para compreender o mundo e viver melhor nas interações com os outros indivíduos, ampliar conhecimentos, melhorar a concentração e o raciocínio, interagir nas questões sociais e virtuais, a leitura será imprescindível. A escola ensina que com a leitura o indivíduo se informa e se prepara para realizar todas as ações humanas. Tudo o que é ensinado na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para se manter e se desenvolver.

Ora, se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defronta na vida, então é preciso organizar o trabalho educativo para que as pessoas experimentem e aprendam isso na escola. Para tanto, deverá oferecer materiais de qualidade, como é o caso dos textos literários, modelos de leitores profissionais e práticas de leituras eficazes. É preciso, portanto, oferecer aos alunos uma diversidade de gêneros textuais, uma vez que não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, ou utilizando apenas o livro didático.

Todavia, o processo de leitura, nas escolas, deveria ser modificado, procurando embasar teorias capazes de ecoar de forma a melhorar as expectativas de leitura, no sentido de formar bons alunos leitores. Neste caso, a leitura literária é a solução mais eficaz nesse processo

2.3 A Leitura de Textos Literários na Escola

Despertar o interesse do aluno pelo hábito da leitura não é tarefa fácil para o professor, exigindo que este enfrente, a cada dia, novos desafios. No entanto, o fracasso no desempenho do comportamento leitor dos educandos é atribuído, geralmente, ao professor de português, ficando os professores das demais disciplinas quase sempre limitados aos trabalhos com os textos apenas no campo da explicação oral. No entanto, toda ciência requer um bom leitor.

Magda Becker Soares (2002) considera que a responsabilidade da leitura, em sala de aula, é de todos os professores, afinal o professor de geografia utiliza a leitura ao trabalhar com mapas, enquanto o professor de matemática depende da boa leitura para os alunos saberem interpretar os conteúdos dos exercícios matemáticos contendo problemas.

Apesar disso, alguns professores, ainda, continuam alheios ou indiferentes à importância de estimular a leitura em suas aulas, ignorando o fato de o

desenvolvimento da interpretação de textos diversos, sejam eles didáticos e ou literários, é essencial ao progresso na aprendizagem de todos os conteúdos, sem exceção.

No entanto, apesar dos esforços em desenvolver o comportamento leitor dos alunos, o que a escola tem demonstrado é a preferência à leitura informativa, à leitura para finalidades pragmáticas, na maioria das vezes são trabalhados apenas fragmentos de textos literários, com objetivo de executar exercícios isolados de interpretação e gramática, sem objetivos definidos, enfatizando apenas a reprodução de palavras do próprio texto. Arelado a esses fatores acrescenta-se o pouco tempo dedicado à leitura literária, o desinteresse e a falta de intimidade do professor com esse tipo de texto, e o livro didático sendo utilizado como instrumento determinante na exploração da leitura.

A leitura literária poderá representar uma âncora e uma esperança para o professor, na busca de resultados satisfatórios, na prática leitora de seus alunos. Silva (1998, p. 61) comenta que o tratamento dado ao texto literário, na escola, por meio de fichas de interpretação, as quais desmotivam o aluno e incutem no educando a ideia de que fruir o texto literário é elaborar a ficha encomendada pelo professor, com informações, tais como: título da obra, nome do autor, descrição das personagens principais e secundárias, além de outros detalhes superficiais que não avaliam, de fato, a compreensão do texto.

Ademais, o educador precisa gostar de ler e deixar isso visível para seus alunos, estabelecer um diálogo entre o texto e o leitor, oportunizar momentos prazerosos de leitura e permitir que os educandos possam manipular obras diversas. Não fazer como tarefa obrigatória, mas possibilitando que eles possam escolher uma leitura ao gosto de cada um ou da turma.

Como o comportamento educacional em relação à leitura não é aquele aqui planejado, a realidade de nossas escolas evidencia que convivemos com alunos que demonstram dificuldades em interpretar problemas matemáticos, textos literários, textos de ciências, bem como de expressar suas ideias, tanto na oralidade, quanto através da escrita.

Com isso, as dificuldades, na maioria das vezes, são oriundas do pouco contato com a leitura, pela falta de motivação e de bons exemplos, falta de um ambiente intelectual pleno de livros, cadernos, canetas, revistas e jornais. Dessa forma, eles sentem maior dificuldade de desenvolver as habilidades leitoras. Tal fato

é destacado nos PCN (1997, p. 55): “os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores [...]”, essa falta de contato provoca desde o início da vida escolar um sentimento de estranheza com a leitura. Sobre isso, Luiz Carlos Cagliari (1992, p.19), pondera que

Uma criança que entra para a escola pela primeira vez aos 7 anos já trilhou um logo caminho linguístico, já provou no dia a dia um conhecimento e uma habilidade linguística muito desenvolvidos. É preciso salientar que ainda aos 7 anos uma criança pode ter mostrado sua capacidade para fazer as coisas não relacionadas à linguagem (...)Uma criança que viu desde cedo sua casa cheia de livros, jornais, revistas, que ouviu histórias, que viu as pessoas gastando muito tempo lendo e escrevendo, que desde cedo brincou com lápis, papel, borracha e tinta, quando entra na escola, encontra uma continuação de seu modo de vida e acha muito natural e lógico o que nela se faz. Uma criança que nunca viu um livro em sua casa, nunca viu seus pais lendo jornal ou revista, que muito raramente viu alguém escrevendo, que jamais teve lápis e papel para brincar, ao entrar para a escola sabe que vai encontrar coisas lá, mas sua atitude em relação a isso é bem diferente.

A leitura de textos literários é importante nesse processo, uma vez que contribui para o desenvolvimento da competência leitora dos estudantes, ajudando-os a ler e a interpretar aquilo que leram. Ajuda-os, também, a resolver problemas na vida cotidiana como, por exemplo: de orientação e localização no espaço onde vivem, melhoraria na capacidade de análise e autoestima. Assim, a leitura permite conhecer outras realidades e compará-las com aquela de cada um. Por isso mesmo não deve ser restrita a uma única área do conhecimento.

Smole e Dinniz (2001, p. 69) apontam que “em qualquer área do conhecimento, a leitura deve possibilitar a compreensão de diferentes linguagens, de modo que os alunos adquiram certa autonomia no processo de aprender”. Desse modo, a escola cumpre um papel fundamental, na formação de alunos bons leitores, os PCN (1997, p. 58) deixam claro que:

Para tornar os alunos bons leitores, para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto ou o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”.

Neste sentido, através da utilização da leitura de narrativas curtas, os alunos poderão ser capazes de interpretar e expressar o que leem, tornando-se, aos

poucos, leitores competentes. Um leitor competente não aprende simplesmente a decodificar sons e símbolos, ele também adquire a capacidade de ler as entrelinhas, aquilo que está no texto além das palavras, ler o explícito e o implícito. Isto quer dizer que o professor deve trabalhar o letramento literário com seus alunos, proporcionar-lhes a leitura de um mundo racional e mais compreensível. Nos PCN (2001, p. 54), o assunto está bem descrito para os professores que atuam com literatura e língua portuguesa:

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua, que consegue utilizar estratégias de leitura adequadas para abordá-los de forma a atender essa necessidade.

Destarte, um modo de concretizar esse trabalho nos parece ser através da utilização, em variadas atividades, de narrativas curtas, em especial o conto e a crônica, envolvendo os alunos em situações concretas de uso da língua, de forma criativa e consciente, dentro de um contexto determinado.

Para o propósito acima descrito, os gêneros em prosa são aconselháveis, tendo em vista a penetração e a popularidade que estes textos têm no consumo de leitura da literatura infanto-juvenil, proporcionando o desenvolvimento crítico-intelectual e da imaginação das crianças. Além de ser uma atividade prazerosa, trabalhar com narrativas curtas motiva o interesse, o envolvimento, a prática da leitura em sala de aula e individualmente, em casa, bem como aumenta a participação dos educandos nas ações educativas.

Dessa maneira, o trabalho com a leitura de textos literários, na sala de aula, deve se tornar um elemento motivador e prazeroso, acima de tudo deve promover a construção de habilidades e competências que permitirão que os alunos apoderarem-se do domínio da escrita e da leitura, como também para alcançar a condição de sujeitos que dominam o uso da linguagem nas suas mais variadas formas, lendo, interpretando e produzindo textos significativos para a vida.

2.4 A Linguagem Oral e a Contação de História

A linguagem oral é comumente representada pela fala cotidiana, informal, pelas conversas do dia-a-dia. É um meio de transmitir informações, conhecimentos, ideias acumuladas assegurando a comunicação entre as pessoas. Segundo Sasso

(2007) esta “é expressão que se usa comumente de fala; é bom explicitar, contudo, que a fala também engloba um campo muito amplo, podendo, por extensão fazer referência ao discurso escrito”.

Em pleno século XXI, a importância dada à linguagem oral pela escola é insignificante, o trabalho com a língua falada acontece apenas no período da alfabetização, sendo que, desde muito cedo, a criança já adquire saberes da oralidade que permitem sua interação na sociedade, na escola, em casa, etc.

A linguagem está em toda parte. Impregna nossos pensamentos, é intermediária em nossas relações com os outros, e se insinua até em nossos sonhos. O volume esmagador de conhecimentos humanos é guardado e transmitido pela linguagem. A linguagem é, de tal modo, onipresente que a aceitamos e sabemos que sem ela a sociedade, tal como a conhecemos, seria impossível” (LANGACKER, 1972, p. 11).

Na sala de aula, alguns professores ainda sentem muita dificuldade em trabalhar, de forma satisfatória, com o processo comunicativo, fato que pode representar um significativo distanciamento no relacionamento em sala de aula. Na realidade, as práticas de oralidade, realmente planejadas, não são executadas com frequência. A preocupação com a linguagem escrita e com a leitura, literária ou não, são tão profundas e consideradas tão difíceis de serem construídas, que não sobra tempo para a oralidade, sendo esta considerada de aquisição espontânea, portanto, menos importante.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2008), o ensino de língua portuguesa e de literatura, na escola, deve explorar todos os modos em que a língua ocorre nas situações de comunicação: a escrita, a leitura, a oralidade e a escuta. Ressalta ainda que estas devem ser ensinadas e apreendidas, tendo em vista que são manifestações culturais presentes nas relações sociais que exigem planejamento e organização prévios.

Sendo assim, o trabalho com a linguagem oral precisa ser objeto intencional e sistemático na sala de aula, para que os educandos possam aprender a falar e a argumentar sobre o que pensam, possam também ampliar seu vocabulário, desenvolver a capacidade comunicativa, participar de debates, seminários, dar respostas pertinentes, opinar e sugerir nas discussões abertas em sala de aula, etc.

Segundo Marote e Ferro (1994, p. 78),

Considera-se importante que o trabalho com a linguagem oral ocorra no interior de atividades significativas, como seminários, teatros, simulações de programas de televisão, rádio, e outros usos públicos da língua oral. A partir dessas atividades é possível trabalhar aspectos como entonação, dicção, gesto e postura que, no caso da linguagem oral, são elementos complementares para conferir sentido aos textos. Essas atividades propiciam a veiculação e a análise das variedades linguísticas e demonstração de seus respectivos valores enquanto meios legítimos de expressão. Criam, também, para o professor as normas consensuais que regulam essas ocorrências como: ouvir o outro com atenção, guardar a vez de falar, quando e como intervir, que formas utilizar.

Posto isto, é importante salientar que, ao ensinar qualquer conteúdo curricular na escola, a leitura deve acontecer de forma planejada, principalmente quando se trata da linguagem oral, que deve ser trabalhada de forma dinâmica, interativa, envolvendo os participantes de forma criativa e atraente. Desta forma, a escola estará contribuindo na formação de falantes mais competentes, mais ativos, fazendo-os desenvolver a oralidade nas mais diversas situações comunicativas da vida.

Ao trabalhar com a literatura, também será necessária a utilização de várias estratégias, tanto individuais como coletivas, no desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e oralidade, evitando que os textos literários sejam utilizados meramente como atividades de interpretação, com exercícios mecânicos e sem objetivos, voltados para fins literários. Para tanto, a contação de histórias poderá ser uma importante estratégia para melhorar o desenvolvimento da linguagem oral dos alunos, além de expandir seu universo social e cultural proporcionados pela leitura de textos literários.

Dessa forma, vários gêneros da literatura podem ser trabalhados na contação de histórias, principalmente os contos que dão asas à imaginação, retratando seres sobrenaturais, mágicos, nos quais não existe limitação de tempo ou espaço, onde se pode modificar o destino dos personagens, etc.

Portanto, tanto no ensino da literatura quanto na contação de histórias, o educando terá a possibilidade de adquirir novos conhecimentos. Através dos estudos teóricos, poderá desenvolver o pensamento crítico, aflorar sua criatividade e imaginação, desenvolver técnicas de contação de história, melhorar sua autoestima e segurança. O mais importante, será proporcionar momentos de ricas experiências com a leitura literária.

3 ENTENDENDO NARRATIVA

A narrativa consiste na exposição de fatos sequencialmente interligados que acontecem ao longo de certo tempo, uma narração, um conto, uma história. Roland Barthes (1997, p. 103), mestre no estudo da narrativa, afirma que “a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades, começa com a própria história da humanidade, (...) é fruto do gênio do narrador ou possui em comum com outras narrativas uma estrutura acessível à análise”.

A narrativa está presente em uma infinidade de gêneros que são fundamentados por diferentes tipos de linguagens,

A narrativa está presente no mito, na lenda, na novela, no vitral, no cinema, enfim, na conversação. Além disso, ela está presente em todos os tempos, em todos os lugares e em todas as sociedades. A narrativa começa com a própria humanidade; não há em parte alguma, povo algum, sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas (BARTHES, 1973, p. 19).

As narrativas são expressas através da linguagem verbal: oral ou escrita, pela linguagem visual através de imagens e pela linguagem teatral por meio da representação. Todas elas necessitam de certos elementos primordiais. Tais elementos são essenciais para a compreensão da narrativa. Claude Brémond (1972, p. 109) explica:

De fato, toda narrativa apresenta: 1. Uma sucessão de acontecimentos: há sempre algo a narrar; 2. De interesse humano: pois é material de interesse humano, de nós, para nós, acerca de nós: “e é em relação com um projeto humano que os acontecimentos tomam significados e se organizam em uma série temporal estruturada”; 3. E tudo “na unidade de uma mesma ação”.

Conseqüentemente, a narrativa se desenvolve em torno da seqüência dos fatos, das ações, do enredo. A partir do enredo, chegamos ao motivo central do texto, que é o tema. O enredo apresenta situações de conflitos ou ações, os quais são divididos em quatro partes: apresentação, desenvolvimento, clímax e desfecho. Segundo Samuel (2002, p. 8), “a *narrativa* trata de um processo em que determinados seres inventados (*os personagens*) exercem certa ação (*o enredo*), articulada no tempo e num *ambiente*”.

Ao tratarmos das narrativas curtas, gênero escolhido para ser objeto de estudo dessa investigação, é importante fazermos uma análise mais criteriosa, tendo em vista seus traços peculiares. De acordo com Souza e Feba (2011, p. 129-130),

as narrativas curtas podem ser definidas como uma narrativa que apresenta um conflito bem definido e que é norteado por um único núcleo de personagens. Não envolvem desdobramentos em núcleos coadjuvantes, dada a objetividade e a postura – quase sempre sem rodeios – do narrador. No terreno da literatura infanto-juvenil, a figura do narrador heterodiegético – isto é, ausente de sua própria narrativa – é frequente, fascinando o leitor, com a eloquência de seu relato.

As narrativas curtas são sempre objetivas e precisas no desenvolvimento do conflito. A falta de subterfúgios contribui para chamar a atenção dos leitores, sem deixar de lado o aspecto lúdico, a estética e a conduta humanizadora. O humor e a poeticidade também são constantes no enredo, sejam através de situações inusitadas, neologismos ou metáforas (SOUZA; FEBE, 2011).

Podemos considerar ainda outros aspectos característicos desse tipo de narrativa, como por exemplo, a presença de humor, poeticidade e a relação dialógica entre o texto verbal e o iconográfico, característica constante e em perfeita sintonia. O enredo desse tipo de narrativa é considerado simples, por apresentar poucas personagens, linguagem simples e por estabelecer uma relação entre a imagem e o texto, sendo as imagens uma complementação da história contribuindo para sua compreensão.

Não podemos utilizar as narrativas curtas apenas para minimizar o trabalho pedagógico em sala de aula. Por essas narrativas serem consideradas simples e curtas, alguns educadores as utilizam para facilitar seu trabalho e por estarem presentes, geralmente, nos livros didáticos. Essa abordagem deve ser desconsiderada, como observa Souza e Feba (2011, p. 133), “o texto, assim, é considerado como uma estrutura coesa em que os signos são organizados gramaticalmente e explicados por leis da linguística”.

Nessa abordagem, podemos perceber que é oportuno trabalhar na sala de aula com esse tipo de narrativa, devendo o professor explorar os textos utilizados, de maneira criativa, contextualizada e com objetivos definidos. O educador precisa definir a metodologia mais eficaz, criativa e inovadora, escolher os textos apropriados à turma, levando em consideração a finalidade do seu trabalho e o perfil de sua clientela. “Na estética dessas reflexões, os contos são considerados

escrituras mais *fáceis e de rápido consumo*, o que não tomaria muito tempo de seu interlocutor em sala de aula” (SOUZA; FEBA, 2011, p. 133).

3.1 Os Gêneros Literários

Etimologicamente, a palavra gênero significa um conjunto de seres ou objetos que possuem a mesma origem ou que se acham ligados pela similitude de uma ou mais particularidades. É um dos conceitos teóricos mais antigos da história da crítica literária. Apesar de sua longa história genealógica, a teoria dos gêneros ainda não foi resolvida pela crítica. “A multiplicidade de nomes que o gênero assumiu – espécie, tipo, modo, forma – atesta a confusão que cerca este problema crítico” (SAMUEL, 2002, p. 42).

Samuel (2002, p. 56) enfatiza, ainda, que o gênero literário é o conjunto de obras dotadas de características comuns,

O conceito de gênero é construído pela recepção de uma sucessão de textos relacionados entre si, cada um dos quais varia, corrige, altera ou simplesmente reproduz as expectativas literárias e genéricas de sua audiência. Às vezes um trabalho penetrará o horizonte de expectativas literárias tão completamente que uma audiência só desenvolve isto gradualmente. Jaus diz que, como a própria obra literária, um gênero deve ser tomado historicamente no horizonte variável de suas manifestações sucessivas. Chamando a atenção para os gêneros como formações históricas e políticas, os escritores marginais conferiram importância às novas teorias do gênero que exploram as ideias da formação de novos gêneros, da mudança genérica e da transformação e da inter-relação de formas.

As obras literárias podem ser encaixadas em três grandes grupos, intitulados de gêneros literários, em conformidade com os estudos críticos tradicionais. Segundo Samuel (2002, p. 41), estes são classificados da seguinte forma:

O gênero épico *apresentativo*, narrativo, se faz por acréscimo de partes, conta uma estória, apresenta um fato, com adição de cada parte. É o romance, principalmente. O gênero lírico, mais musical e subjetivo, canta e embala, fala de si e quase sempre para si mesmo, suave, tende a um isolamento. O gênero dramático é gênero das emoções fortes, do teatro, do grande público, da multidão, dos oradores políticos, dos discursos nas praças públicas, do debate na TV. O dramático apela para o público, mobiliza-o, passa para eletricidade, empolgação, emoção. O público fica tomado. Na tragédia, vai às lágrimas. Na comédia, soltam gargalhadas.

Logicamente, essa classificação pode ser subdividida sem maiores dificuldades em gêneros mais específicos, mas somente interessa marcar o lugar de algumas narrativas, como o conto e a crônica, dentre os demais gêneros literários.

As narrativas podem ser: epopeia, romance, novelas, conto, anedota e fábula. A crônica é um pequeno texto variado publicado em revistas e jornais. Pode ser lírica, como a de Rubem Braga; narrativa, de Fernando Sabino; política, de Carlos Castelo Branco; esportiva, de João Saldanha. O clássico da crônica é Rubem Braga, que a transformou num gênero típico, espécie de poema em prosa (SAMUEL, 2002, p. 48).

As narrativas fazem parte de nossa história, de nosso dia-a-dia e são as maiores facilitadoras do trabalho do professor. Ao desenvolver sua prática pedagógica, na sala de aula, o educador utiliza-se de relatos pelos quais sua ação adquire sentido. É através da narrativa que o conhecimento do professor se organiza, liberando a sabedoria necessária ao sucesso de suas ações.

3.2 O Conto

A história do conto é tão antiga que historicamente é quase impossível de se localizar, levando-nos a tempos muito remotos e sujeitos a várias teorias. Segundo Moisés (2006, p. 32),

Algumas teorias têm sido aventadas para explicar a gênese do conto, como a indo-européia ou mítica, de autoria dos irmãos Wilhelm e Jacob Grimm, mais tarde retomada pelo linguista Max Müller. Segundo ela, a origem do conto remontaria aos mitos arianos, em circulação na pré-história da Índia, tida como o nascedouro do povo indo-europeu. Ao ver de Theodor Benfey, em 1859, o mais certo seria simplesmente considerar a Índia, de onde os contos maravilhosos teriam imigrado para o ocidente já no século X d.C., ainda que em pequeno número.

Apesar das diversas teorias a respeito do surgimento do conto, existe uma fase de evolução dos modos de se contarem histórias, que segundo GOTLIB (2006, p. 6), para alguns

[...] os contos egípcios – os contos dos mágicos – são os mais antigos: devem ter aparecido por volta de 4000 anos antes de Cristo. Enumerar as fases da evolução do conto seria percorrer a nossa própria história, a história de nossa cultura, detectando os momentos da escrita que a representam. O da história de Caim e Abel, da Bíblia, por exemplo. Ou os textos literários do mundo clássico greco-latino: várias histórias que existem na Ilíada e na Odisseia, de Homero. E chegam os contos do Oriente: a Pantchatantra (VI aC), em sânscrito, ganha tradução árabe (VII aC) e inglesa XVI dC); e as Mil e uma noites circulam na Pérsia (século X) para o Egito (século XII) e para toda Europa (século XVIII).

Diante do exposto, verificamos que as origens dos contos remontam aos tempos antigos, começando com narrativas orais em sociedades primitivas, ao lado das fogueiras, em noites de luar ou após uma longa batalha, passando pelos gregos, romanos e orientais, pelas parábolas bíblicas e novelas medievais, pelas fábulas francesas, etc., percorrendo um longo período até chegar aos nossos valiosos livros. Na verdade, “as raízes históricas dos contos são de fato uma abundância de ratículas, e (...) o universo do conto se espalha em uma multidão de tradições heterogêneas” (MOISÉS, 2006, p. 32).

Estimado em sua longa história, o conto atinge o seu ápice no século XX, em sua forma literária, porém apresentando várias tendências e fases crivadas pelo conto moderno. Tendências estas que marcam a diversidade de ideais através escritores com: Monteiro Lobato, Aníbal Machado, Alcântara Machado, Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Dalton Trevisan e tantos outros (MOISÉS, 2006).

Quanto ao conceito de Conto, dentre as prosas de ficção, podemos dizer que não é de fácil definição. Existem varias teorizações feitas por escritores e críticos que demonstram sua complexidade, levando-se em conta as diferenças contextuais, isto é, sua evolução em épocas, países e culturas diferentes. Alguns autores consideram o conto um gênero difícil, apesar de sua suposta simplicidade. Cortázar (1974, p. 147), é um dos que considera esse gênero como de difícil definição ao afirmar:

[...] Se não tivermos uma ideia viva do que é o conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em ultima análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, uma fugacidade numa permanência. Só com imagens se pode transmitir essa alquimia secreta que explica a profunda ressonância que um grande conto tem em nós, e que explica também porque há tão poucos contos verdadeiramente grandes.

O conto, portanto, é um gênero efervescente e idealizado de diferentes formas. Porém, Nádía Gotlib (2006, p. 11), em seu livro “Teoria do Conto”, relembra que, para Júlio Casares, são três as acepções para o conto: “1. relato de um acontecimento; 2. narração oral ou escrita de um acontecimento falso; 3. fábula que se conta às crianças para diverti-las”.

Para Massaud Moisés (2006, p. 40),

O conto, é pois, uma narrativa unívoca, univalente: constitui uma unidade dramática, uma célula dramática, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação. Caracteriza-se, assim, por conter unidade de ação, tomada esta como a sequencia de atos praticados pelos protagonistas, ou de acontecimentos de que participam. A ação pode ser externa, quando os personagens se deslocam no espaço e no tempo, e interna, quando o conflito se localiza em sua mente.

Segundo Benjamim Abdala Jr. (1995, p. 17),

A característica principal do conto, por ser uma narrativa curta, é a condensação das categorias da narrativa. Isso não significa que ele seja uma forma narrativa sempre mais simples que os romances: há contos literários bastante complexos. Entretanto, o que caracteriza o conto é a sua brevidade, o que leva o escritor a hierarquizar os fatos a serem narrados de forma a provocar no leitor um efeito marcante.

São muitas as definições dadas por estudiosos e teóricos literários sobre o conto, todavia, apresentam um ponto comum: são modos de se contar alguma coisa, portanto, narrativas. Como esse estudo envolve trabalho com narrativas curtas, em turmas do ensino fundamental II, não podemos ignorar que existe uma produção de literatura para adultos e um mercado efervescente de literatura infanto-juvenil, com uma produção cada vez mais multifacetada e diversificada. Como consequência, seria inevitável trabalhar com o conto infanto-juvenil e suas classificações, como também com crônicas.

Abdala Jr (1995, p. 17), ainda comenta que, apesar de, frequentemente, o conto ser definido como uma forma breve, a brevidade não pode ser considerada como fator diferencial: “A questão não é: “ser ou não ser breve”. A questão é: provocar ou não maior impacto”. Alceu Amoroso Lima (1956), em uma Conferencia sobre conto, na Academia Brasileira de Letras o afirma:

O tamanho, portanto, representa um dos sinais característico de sua diferenciação. Podemos mesmo dizer que o elemento quantitativo é o mais objetivo de seus caracteres. O romance é uma narrativa longa. A novela é uma narrativa média. O conto é uma narrativa curta. O critério pode ser muito empírico, mais é muito verdadeiro. É o único realmente positivo¹.

Neste sentido, ao nos referirmos sobre a brevidade do conto, não devemos caracterizá-lo pelo numero de páginas utilizadas pelo autor e sim pela objetividade do texto, por não exagerar nas descrições.

¹Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/2109402/nadia-battella-gotlib---teoria-do-conto/14>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

Através deste gênero podem ser discutidas inúmeras possibilidades de se fazer leitura. Assim, trabalhando com adolescentes do 9º ano, os professores sabem que devem tomar cuidado na escolha criteriosa dos contos para leitura em sala, sendo as considerações de Abdala pertinentes nesse momento da seleção, se a intenção for a de motivar os alunos para gostarem de ler. O conto, por possuir essa característica bem oportuna, de ter a capacidade de provocar impacto, pode se tornar o gênero preferencial dos alunos e ser também a porta de entrada para se começar a ler romances e livros mais densos:

O conto é, pois conto, quando as ações são apresentadas de um modo diferente nas apresentações no romance: ou porque a ação é inerentemente curta, ou porque o autor escolheu omitir algumas de suas partes. A base diferencial do conto é, pois, a contração: o contista condensa a matéria para apresentar os seus melhores momentos (ABDALA JR, 1995, p. 17).

Desse modo, como afirma Abdala (1995), pelo conto possuir uma “ação inerentemente curta”, isso o torna um instrumento mais conveniente para a realização da leitura literária, porque um conto pode ser bem adaptável, para ser encenado ou usado para os alunos executarem um pequeno vídeo ou, até mesmo, para ilustrar seu conteúdo em *banners* e outras ideias, que serão melhor discutidas nesse trabalho, na última parte, em que será feita a proposta de estratégias para utilizar o conto como objeto de excelência na leitura literária.

Por ser um dos gêneros narrativos, o conto geralmente apresenta as seguintes categorias: o enredo, o espaço, o tempo, o foco narrativo, personagens, o narrador e o narratário. Ao ensinar estas categorias do conto aos alunos, inicia-se o trabalho de ensinar a análise literária, devendo cada leitor ter a noção de que essas categorias formam a estrutura de um conto. Acerca do gênero narrativo conto, Souza e Feba (2011, p.124) comentam:

O conto tradicional abarca uma estrutura que encerra, basicamente, três momentos distintos: a introdução, inserindo o leitor no universo a ser relatado, tecendo-lhe as particularidades do espaço em que desenvolve a ação e apresentando-lhe, paulatinamente, as figuras (personagens) que transitarão pelo mundo aqui edificado; o conflito, que implicaria o surgimento de um problema, um impasse ou um drama; e o clímax, que se institui como o ensejo mais impactante da obra, em que a protagonista se vê encurralada e o leitor, igualmente afoito, adere ao jogo proposto pelo texto. Em última instância, e não menos importante, revela-se o desfecho, em que o conflito outrora configurado na narrativa é, enfim, solucionado, conduzindo a protagonista *ou* a um final *harmonioso*, recompensando-a por suas

privações ao longo da história, *ou trágico*, como sugerem *algumas* poéticas do texto infantil anteriores ao século XIX.

Desse modo, os alunos podem se familiarizar com as categorias espaço, enredo, personagens e ação para iniciar a compreensão do texto literário, realizando pequenas interpretações literárias, como um primeiro passo até alcançar a capacidade de fazer a crítica literária. E este caminho somente pode ser percorrido através da leitura literária.

3.3 A Crônica

O trabalho com os gêneros textuais, no contexto da sala de aula, requer uma compreensão clara tanto do gênero quanto de suas particularidades. É importante destacar que os gêneros se caracterizam por representar formas relativamente estáveis, que envolvem situações reais com uso de uma linguagem cotidiana. Neste sentido, Marcuschi (2007, p. 19 apud Ribas *et al*, 2002) diz que “Os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto do trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia”.

A palavra crônica possui suas raízes etimológicas ligadas ao vocábulo *chronos*, uma palavra grega, que está relacionada com o tempo linearmente concebido. Inicialmente, esta palavra servia para se referir aos registros de fatos cotidianos, acontecimentos desenvolvidos e vividos dentro de uma realidade social. *A priori*, esse papel de realizar registro de fatos e acontecimentos data de muitos anos atrás, mas seus momentos de maior destaque ocorreram no período das crônicas medievais.

E, de acordo com Walter Benjamin (1994, p. 209 apud Ribas *et al*, 2009, p. 10), autor que analisa a crônica como “forma épica”, os cronistas medievais, representantes clássicos do gênero e os “historiadores” da época, podem ser considerados os precursores da historiografia moderna.

Entre as várias conceituações de crônica, destacam-se as concepções de Arrigucci Junior (1987, p. 52), ao afirmar que a crônica é um relato ou comentário “de fatos corriqueiros do dia-a-dia, dos *fait divers*, fatos da atualidade que alimentam o noticiário dos jornais, ou seja, são instrumentos de informação que conheceram seu apogeu especificamente no século passado”.

Já Neves (1995, p. 17 apud Lima, 2010) destaca que a crônica é um texto que “tematiza o tempo e simultaneamente o mimetiza”. Este gênero traz nuances entre a literatura e as notícias de jornal, haja vista que o jornal é um dos principais veículos de comunicação que faz uso deste gênero textual. De acordo com Bender e Laurito (1993, p 11), “apesar do termo crônica ter mudado de sentido, em sua evolução, nunca perdeu os vínculos com o sentido etimológico que lhe é inerente e que está em sua formação”.

Assim, a crônica faz parte das narrativas curtas por ser considerada um texto curto. É narrado em primeira pessoa, pois demonstra a forma pessoal do cronista de ver os acontecimentos do dia-a-dia. No entanto, o mesmo tem um jeito próprio de enxergar os fatos, fazendo uma crítica indireta. A linguagem utilizada é bem simples e espontânea, fazendo um diálogo com o leitor e, muitas vezes, para conseguir alcançar seus objetivos o cronista utiliza-se de ficção, fantasia e humor.

Durante a Idade Média, a crônica possuía como finalidade a narração de fatos e acontecimentos lendários ou maravilhosos, por isso mesmo eram chamados de crônicas medievais. Foi apenas durante um período da história, caracterizado como Humanismo, que o cronista assumiu a postura de escritor profissional. Data dessa época um dos mais conhecidos cronistas, o escritor Fernão Lopes, responsável por registrar a história dos reis de Portugal.

Assim, no entendimento de Bender e Laurito (1993, p. 12, apud LIMA, 2010), “a palavra **crônica** (grifo do autor), no entanto, ainda que, posteriormente, viesse a abranger outros sentidos, permaneceu na língua portuguesa com o sentido antigo de narrativa vinculada ao registro de acontecimentos históricos”.

É importante destacar o que Margarida de Souza Neves descreve em seu artigo “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas”, ao se referir ao gênero crônica e seu sentido etimológico:

A crônica, pela própria etimologia – *chronus* / crônica –, é um gênero colado ao tempo. Se em sua acepção original, aquela da linhagem dos cronistas coloniais, ela pretende-se registro ou narração dos fatos e suas circunstâncias em sua ordenação cronológica, tal como estes pretensamente ocorreram de fato, na virada do século XIX para o século XX, sem perder seu caráter de narrativa e registro, incorpora uma qualidade moderna: a do lugar reconhecido à subjetividade do narrador. (NEVES, 1992, p. 82).

Desse modo, o gênero que seduz e alegra é a crônica. Possui as suas especificidades que a diferenciam de outros gêneros, por representar fatos triviais.

Por essa razão a crônica é considerada um gênero menor, por retratar o cotidiano, por permanecer no limiar entre o literário e o não literário. Mas, dentro das novas nuances que o narrador estabelece e ressalta sua subjetividade, é possível, através desses pequenos textos, levar os educandos a desenvolverem o gosto pela leitura literária.

No Brasil, tem-se um berço privilegiado de cronistas, sendo que a Carta de Pero Vaz de Caminha foi considerada, pelos historiadores, como a primeira crônica brasileira. Vale ressaltar que nesta carta, Pero Vaz de Caminha registra os fatos e relata as circunstâncias, as emoções e o contexto em que se deu esse momento do descobrimento do Brasil. De fato, Jorge de Sá (1985 apud Ferreira 2008, p. 364) afirma: “o texto de Caminha partiu da observação direta dos fatos, o que é condição essencial para que os acontecimentos efêmeros ganhem concretude e passem a integrar a realidade dos leitores [...]”.

Assim, neste país, a crônica percorreu um longo caminho até se tornar reconhecidamente um gênero literário. Destaque-se, ainda, que passou a ter maior relevância do ponto de vista literário quando o jornal se torna um veículo de comunicação cotidiana e acessível à população.

Na concepção de Neves (1992), foi na virada do século XIX para o XX que a crônica passa a ser considerada moderna, quando a poesia passa a fazer parte deste gênero e quando a subjetividade passa a ser vinculada. O moderno da crônica significou uma mudança em sua estrutura, em sua função e linguagem, além do fato de estar vinculada à imprensa.

Na crônica brasileira, pode-se cogitar que ocorreu uma espécie de fusão de dois tipos de textos: o ensaio, do qual retoma certo desprezo pelo rigor acadêmico, levando a um tratamento mais informal dos assuntos abordados; e o folhetim, do qual absorve a dimensão ficcional dos eventos e temas descritos por esta forma literária. Essa mescla ratifica a identidade da crônica brasileira como espaço heterogêneo (FREITAS, 2004, p. 171).

Desse momento em diante, esse gênero literário foi se firmando cada vez mais e caindo no gosto dos leitores. É notório o esforço dedicado por grandes escritores, como por exemplo, Alencar, Machado, Bilac e Drummond, a fim de promover a crônica à condição de arte literária.

As primeiras crônicas no Brasil foram escritas por jornalistas, os quais tornaram-se jornalistas consagrados por escrevem regularmente. Elas têm toda uma

estrutura característica desse gênero textual, como por exemplo: narrativa curta, com poucos personagens, podem ser escrita em primeira ou terceira pessoa, retratam, geralmente, um fato do cotidiano real, acontecem num espaço e tempo definidos, existe uma sequência de acontecimentos, levam os alunos a refletirem sobre determinado assunto. Enfim, é um texto narrativo de caráter reflexivo e interpretativo, que parte de um acontecimento banal, sem significado relevante, mas que é transformado em gênero textual (BRASIL, 2008).

Na sequência desse aporte histórico e já na segunda metade do século XX, vislumbra-se a crônica com uma nova configuração, em dois aspectos fundamentais: a produção e a recepção. É neste momento que autores como Rubem Braga e Paulo Mendes Campos passam a escrever quase que exclusivamente crônicas, sendo estes textos publicados em livros, tornando-se mais regular e atendendo aos gostos dos leitores. Dessa forma, a crônica não precisa dividir espaço com as notícias do jornal, seu meio de divulgação é ampliado com o aumento de publicações recorrentes. Isto trouxe algumas implicações, a saber:

[...] a mudança de suporte provoca um novo direcionamento: o público do jornal é mais apressado e mais envolvido com as várias matérias focalizadas pelo periódico; o público do livro é mais seletivo, mais reflexivo até pela possibilidade de escolher (...) o autor de sua preferência (SÁ, 1987, p. 85).

Foi neste percurso construído pela crônica que ela perdeu seu caráter informativo e adquiriu uma nova roupagem, que se caracterizou pela intencionalidade de divertir, entreter na busca de adentrar na poesia. A crônica é considerada um gênero textual multifacetado, que contempla vários aspectos, está presente não só em jornais ou revistas, como também nos blogs, na televisão, nos sites da internet, etc.

3.3.1 A Relevância do Trabalho com Crônicas na Formação do Educando

Durante muito tempo, o gênero crônica era compreendido como simplesmente um folhetim, que era veiculado no rodapé de jornais impressos e que circulavam diariamente ou duas ou mais vezes por semana. No entanto, a partir do momento em que ela foi adquirindo maior destaque e importância, no campo da literatura, passou a ser vista como um gênero textual que poderia contribuir para o processo de desenvolvimento e formação do aluno reflexivo.

Isso ocorreu porque o gênero textual crônica, por seu caráter informativo e descontraído, no ambiente escolar, enquanto ferramenta educacional serve para desenvolver no educando habilidades, como práticas de leitura oral e escrita realizada de maneira autônoma e prazerosa (NEVES, 1992). Neste sentido, é importante dizer que a crônica faz uma abordagem do cotidiano de maneira diferenciada, permitindo ao leitor pensar e refletir diante destes fatos.

Berger e Luckmann (1985) esclarecem que o cotidiano é o lugar no qual se inserem os símbolos e os valores que são absorvidos pelas pessoas, ao entrarem em contato com o outro. É neste processo de interação que o ser humano se constitui como sujeito e passa a ter um conhecimento maior sobre o seu meio, sobre o seu contexto social e, à medida que estas relações vão se estabelecendo, vai-se formando sua noção de ser humano comum.

Sabe-se que a transmissão do conhecimento se dá através das interações estabelecidas entre o ser humano e o seu meio social, através da linguagem. É por meio dela que o ser humano percebe, interpreta, questiona e argumenta sobre uma situação. O indivíduo, de certa forma, observa a realidade objetiva e internaliza fatos e conhecimentos que irão formar a sua subjetividade. É, pois, nesse contexto que emerge a figura do cronista, com um olhar sobre a realidade cotidiana. Ele analisa, observa, reflete e a seguir constrói a sua impressão sobre o contexto em que está inserido. Ele reflete sobre o objetivo e o subjetivo dessa natureza que o cerca.

Dada essa importância a este gênero textual e à formação de um aluno crítico e reflexivo, é que aos poucos foi se incorporando ao currículo escolar o estudo do gênero crônica, para o conhecimento das linguagens e valores subjacentes, bem como dos discursos que se manifestam nesses gêneros textuais e sua importância para o aprendizado da língua materna (SÁ, 1987).

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004 apud BARBOSA; ARAÚJO, 2013, p. 13), a introdução de um gênero no

ambiente escolar possibilita uma diversidade de objetivos para o processo da aprendizagem. Um deles é dominar o gênero exposto no momento da dinâmica da aula para melhor conhecê-lo, compreendê-lo para assim, produzi-lo de maneira positiva na escola ou fora dela; outro objetivo é que utilizando o gênero o educando pode desenvolver o ato comunicacional e dominá-lo a partir de sua capacidade de entendimento individual.

De fato, o trabalho com o gênero crônica, na sala de aula, abre um leque de possibilidades para enriquecer o trabalho do professor, para isso ele precisa conhecer o gênero e suas especificidades, garantir o uso de uma linguagem que permita ao aluno um real entendimento capaz de favorecer a formação da consciência crítica e reflexiva no educando, a partir do trabalho com crônicas, no universo escolar e fora dele.

O domínio da leitura e da escrita é primordial nesse processo, haja vista que é através da linguagem que demonstramos nossas emoções, opiniões, ideias, nos comunicamos e construímos nosso conhecimento, fato que tem causado uma infinidade de problemas na sala de aula, tendo em vista que a maioria dos nossos alunos chegam à 5ª série sem saber ler e escrever com propriedade.

É por conta dessa relação contraditória que existe, na escola, uma relação ao pleno domínio da leitura e da escrita para daí se perceber a necessidade de se trabalhar com um gênero textual que apresente uma linguagem clara, concisa, objetiva. Então, nada mais oportuno do que trabalhar com o gênero crônica, principalmente por ser uma narrativa curta, simples, divertida, voltada para os problemas do nosso cotidiano e que chamam a atenção dos nossos alunos.

Dentro deste contexto, destaca-se a importância do trabalho com este gênero na escola, pois o mesmo contribui para o desenvolvimento sócio-reflexivo, tanto no que se refere à linguagem oral ou escrita. No contexto da sala de aula, o professor terá papel de grande importância, uma vez que é ele quem irá garantir a orientação necessária ao aluno, incentivando-o a se tornar um leitor autônomo e competente com condições de lidar como que fala e com o que escreve.

Podemos afirmar que a utilização do gênero crônicas, em sala de aula, irá possibilitar ao aluno uma maior familiaridade com temáticas socioculturais, visto que é lendo que se consegue desenvolver um repertório linguístico e cultural mais diversificado, além de conseguir compreender melhor as informações presentes no texto.

Ainda, é importante destacar que o professor, em sala de aula, torna-se o orientador da aprendizagem do aluno, é ele quem irá repertoriá-lo com este gênero textual, levando sempre para a sala de aula textos que despertem não só o deleite, mas o fascínio pela leitura, de acordo com seus gostos e preferências, ao mesmo tempo em que demonstra interesse por gêneros diferenciados.

É preciso que o educador mude sua metodologia de trabalho, que deixe para trás os textos fragmentados, descontextualizados, incapazes de desencadear a reflexão e o entusiasmo dos alunos. É preciso trazer obras que possam aguçar a imaginação, desenvolver o senso crítico e intelectual dos educandos. Neste caso, o mais apropriado será o trabalho com textos literários, especialmente com a crônica que é um gênero que trata de temáticas atuais, envolve personagens comuns, possui uma linguagem bastante acessível, tem um toque de humor, sarcasmo ou mistério e que pode ser um poderoso recurso para se trabalhar com a produção textual.

Deste modo, torna-se necessário que o professor saiba orientar esse processo, mediando e fazendo as intervenções necessárias, a fim de garantir um aprendizado de qualidade no aluno, dando inúmeras possibilidades de ler pelo prazer, de ler e interpretar, associando ou não o texto ao seu contexto sociocultural, pois somente assim ele irá ter a possibilidade de aumentar seu nível de conhecimento linguístico e cultural.

Um trabalho desenvolvido a partir destas conjecturas irá contribuir para a formação de um aluno reflexivo, principalmente utilizando-se de gêneros que incidam diretamente no quesito reflexão. Mas o que vem a ser um aluno reflexivo e como desenvolver nele essa habilidade trabalhando com o gênero textual crônica? O aluno com tal capacidade precisa demonstrar total autonomia acerca do que lê e realizar uma releitura mais crítica. E para garantir a formação de um aluno com tal autonomia e capacidade de reflexão é necessária também a presença de um professor que tenha domínio sobre esta mesma habilidade, que saiba conduzir seu pupilo ao desenvolvimento de tal potencialidade.

De acordo com os pressupostos teóricos de Dewey, quanto à formação de professores, ela significa “[...] a necessidade de formar professores que venham a refletir sobre a sua prática, na expectativa de que a reflexão será um desenvolvimento do pensamento e da ação”. (GARCIA, 1992, p. 60).

O professor reflexivo deverá levar, para a sala de aula, elementos motivadores que chamem a atenção dos alunos, que possam inseri-los no mundo mágico da literatura e da leitura. Através do trabalho com crônicas será possível contribuir para sua formação reflexiva, levando em conta o fato de as crônicas depositarem um olhar diferenciado sobre o cotidiano.

3.3.2 A Crônica na Sala de Aula

A questão que se desenvolve em torno da leitura e da produção de textos tem gerado várias inquietações entre muitos pesquisadores e educadores, e estas inquietações possibilitaram o surgimento de teorias que versam sobre a maneira como o leitor aprendeu a ler e a compreender o que leu, ao mesmo tempo em que é capaz de produzir um texto com significado. Esses estudos têm contribuído para uma melhor compreensão sobre o processo de leitura, em seus diversos aspectos, como psicológicos, cognitivos, sociais (KLEIMAN, 2004).

É neste contexto que o gênero crônica se torna um elemento indispensável no fazer pedagógico do professor, como uma possibilidade de desenvolver as competências leitora e escritora do aluno. Esta possibilidade existe porque a crônica analisa e interpreta fatos do cotidiano dos educandos e da própria sociedade, numa linguagem bem acessível e sem exageros.

Por todas estas características já citadas, anteriormente, percebemos que o trabalho com crônicas, na sala de aula, será uma ótima alternativa para que a prática pedagógica do professor tenha mais sucesso, contribuindo, de maneira significativa, para o ensino de língua portuguesa e literatura, principalmente ajudando a tornar o educando mais reflexivo. Como bem defende Silveira (2009, p. 327), a crônica é:

[...] um gênero heterogêneo, não tendo, portanto, uma forma rígida. Pode servir-se de todos os tipos textuais (narração, descrição, argumentação, etc.) e guarda fronteiras muito tênues com o artigo de opinião, e com outros gêneros, como o pequeno conto, o causo, a narrativa pessoal e até com o ensaio.

De um modo geral, é possível dizer que este gênero aproxima o aluno do mundo real, uma vez que retrata a sociedade em que vive em suas diversas multifaces, construindo as cenas do cotidiano de forma criativa e inesperada. E, para isso, usa também uma linguagem clara, permitindo, ao leitor, uma melhor compreensão do texto. Cândido (2002, p. 97) ressalta,

É importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça própria da crônica. Os professores tendem muitas vezes a incutir nos alunos uma ideia falsa de seriedade; uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas, e que conseqüentemente a leveza é superficial. Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo

privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas.

É importante destacar, ainda, que a crônica trata com humor algumas temáticas consideradas de maior seriedade, haja vista que o efeito de humor dá maior leveza ao texto, ao mesmo tempo em que diverte o leitor. Este gênero promove, também, a reflexão ao estabelecer um diálogo profundo com a realidade, possibilitando aos leitores maior amadurecimento de sua visão de mundo e de pessoas, ao tempo em que internaliza novas compreensões e modos de ver e sentir a realidade da vida.

Também por estar perto do dia a dia, a crônica pode auxiliar até mesmo na construção da identidade do aluno, uma vez que conhecerá e refletirá sobre fatos do seu cotidiano. “Daí a importância do instante, porque é o *flash* do momento presente que nos projeta em diferentes direções, todas elas basicamente voltadas para a elaboração da nossa identidade.” (SÁ, 1987, p. 15).

Deste modo, a leitura do gênero crônica, na escola, é de fundamental importância, visto que ele ajudará o aluno a refletir sobre os problemas sociais. E conforme defendido por Cândido (2002, p. 94),

Quando vejo que os professores de agora fazem os alunos lerem cada vez mais as crônicas, fico pensando na leitura do meu tempo de secundário. Fico comparando e vendo a importância deste agente de uma visão mais moderna na sua simplicidade reveladora e penetrante.

Destaque-se, ainda, que a crônica torna-se uma estratégia para que o professor construa junto aos seus alunos diferentes maneiras e sentidos na leitura, formando-lhes a capacidade de desenvolver uma leitura crítica, madura, mas sempre prazerosa. O cronista é capaz de produzir um texto que dialoga com o leitor e que se relaciona com sua vida cotidiana, ao tratar de temáticas de relevante valor social, levando-o a refletir sobre o meio social em que está inserido.

Destarte, esta reflexão permite ao leitor se emocionar, criticar e até mesmo internalizar novos valores e sentimentos, ao lidar com este gênero textual. A crônica possui a capacidade de transformar a vida em palavras. Além de garantir a informação, promove a discussão sobre a vida real, sem deixar de lado o valor literário e artístico desse tipo de produção.

É um gênero textual que utiliza o humor e a ironia para registrar fatos que ocorrem com os indivíduos, que pode ser um encontro inesperado, algum tipo de confusão que ocorreu involuntariamente, uma discussão acalorada, ou ainda

acontecimentos que ocorrem na vida das pessoas e que merecem um pouco mais de atenção por parte do escritor e do leitor, adquirindo nova significância.

Assim, por possuir essa relevância social, esse gênero deve ser muito bem trabalhado na sala de aula, haja vista que possibilita ao aluno ler e refletir sobre problemas de seu cotidiano, para enfrentamento destes problemas e tomada de decisões mais acertadas e, ainda, colaborar para a formação de uma sociedade crítica e reflexiva (SÁ, 1995).

4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO – ENTRE CONTOS E CRÔNICAS

O trabalho com a leitura literária é de fundamental importância para o desenvolvimento das competências leitora e escritora, além de contribuir para despertar o gosto e o prazer em ler textos literários, considerando que essa tipologia textual tem se tornado um desafio constante para os professores, em qualquer modalidade de ensino.

Por isso, a partir das discussões propostas neste trabalho, em que se preza o desenvolvimento do gosto do aluno pela leitura literária, e observando que esta é uma tarefa complexa, optamos por desenvolver uma proposta de intervenção. Para tanto, utiliza-se, como pressuposto fundamental a pedagogia de projetos, haja vista que diante do problema apresentado pelos alunos, dada a sua resistência à leitura, tornou-se importante desenvolver um trabalho que os motive e os desperte para esse modelo de texto.

Levando-se em conta ainda, que a experiência do trabalho com projetos nas escolas vem sendo eficaz no que tange ao desenvolvimento das inteligências múltiplas, nosso propósito ao trabalhar com a “Pedagogia de projetos” é propor aos educandos tarefas e desafios que os estimulem a mobilizar seus conhecimentos e a completa-los, tendo em vista que sua metodologia é baseada na problematização.

Ademais, observa-se que escrever tornou-se um problema para tanta gente, até mesmo para aquelas pessoas que são portadoras de diploma de curso superior e que enfrentaram um vestibular ou ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Mesmo assim essas pessoas diante de uma solicitação para escrever um texto (por menor que seja), não conseguem fazer isso com a necessária proficiência, e chegam a perder, por exemplo, boas oportunidades no mercado de trabalho. Tal situação nos leva a questionar o que faz a escola durante a educação básica; o que realmente acontece ao longo desse processo de escolarização; enfim, o que está fazendo o ensino educacional para direcionar os alunos à leitura e à escrita.

De tudo que aqui se diz, acredita-se ser o conto e a crônica, gêneros agradáveis e desafiadores, podendo tornar-se uma fonte de interesse e de inspiração para novos leitores. O conto, por proporcionar diversas possibilidades de aprendizagem para os educandos, além de oportunizar um maravilhoso encontro com grandes nomes da literatura. A crônica, por ser um texto mais simples, com temática, geralmente, cotidiana, logo mais perto da realidade de vida do

escritor/leitor. Assim sendo, a facilidade de criar gosto por esse gênero textual torna-se mais fácil, mesmo porque há crônicas bem humoradas e que despertam o interesse pela leitura. De toda forma, o professor deve ser uma pessoa que deve encontrar uma porta para conduzir os alunos à leitura.

4.1 Apresentando o Projeto

O processo de desenvolvimento da leitura, em sala de aula, é sempre uma oportunidade de vivenciar novas experiências junto aos alunos. Foi com base nos pressupostos destacados neste trabalho que foi escolhida como estratégia de intervenção pedagógica o Projeto Didático intitulado “Entre Contos e Crônicas”.

A justificativa para a escolha dessa metodologia de trabalho didático se deu em virtude de que os projetos didáticos são um tipo de organização e planejamento voltados para uma situação-problema. No caso em questão, reporta-se ao trabalho desenvolvido em uma turma do 9º do Ensino Fundamental II, com o objetivo de despertar o gosto pela leitura literária, utilizando as mídias, a fim de possibilitar a compreensão e análise desses gêneros pelos leitores\alunos.

Com o movimento educacional progressista dos Estados Unidos no início do século XX, a chamada “Pedagogia de Projetos” começou a ser desenvolvida. Enquanto campo de estudo, esta foi direcionada à prática pedagógica dos professores por meio de projetos e tinha como referencia central o pensamento de Jhon Dewey (1859-1952) e seu discípulo Willian Heard kilpatrick (1871-1965). Beyer (1997) e Hernandez (1998) nos levam a entender que a “Pedagogia de Projetos” tem como base teórica os estudos de Dewey, o que propiciou ao seu discípulo a criação do “método de projetos”.

A “Pedagogia de Projetos” fundamenta-se nas concepções de democracia e conhecimento pragmático, pautados em discussões de ordem social e educacional. Nessa perspectiva, a concepção de Dewey (1979) prima por uma sociedade democrática, participativa, capaz de refletir sobre seus projetos de sociedade. Segundo a proposta de Hernandes a pedagogia de projetos

favorece ao aluno aprender no processo de produzir e de levantar dúvidas, de pesquisar e de criar relações, que incentivam novas pesquisas, descobertas compreensões e reconstruções de conhecimento. Os projetos de trabalho constituem um planejamento de ensino e aprendizagem vinculado a uma concepção da escolaridade em que se dá importância não só a aquisição de estratégias cognitivas de ordem superior, mas também ao papel do estudante como responsável por sua própria aprendizagem.

Significa enfrentar o planejamento e a solução de problemas reais e oferece a possibilidade de investigar um tema partindo de um enfoque relacional que vincula ideias-chave e metodologias de diferentes disciplinas. (HERNANDEZ, 1998, p. 89)

Nessa visão, é necessário partir de uma situação-problema onde o processo de aprendizagem deve se atrelar ao mundo exterior da escola. O problema deve despertar a curiosidade e o interesse dos educandos e as atividades desenvolvidas deverão ser coerentes, ordenadas e criativas onde aprender deixa de ser um simples ato de memorização. A “Pedagogia de Projetos” visa à transformação do espaço escolar onde todo conhecimento é construído de acordo com os contextos em que são utilizados, impossibilitando a dissociação dos aspectos cognitivos, emocionais e sociais presentes nesse processo.

Nesse sentido, o projeto didático se caracteriza por articular **propósitos didáticos** (o que os alunos devem aprender) e **propósitos sociais** (o trabalho tem um produto final, como um livro ou uma exposição, que vai ser apreciado por alguém). Nesta proposta, o produto final foi a criação de uma *Fanpage* no *Facebook*® denominada “Entre Contos e Crônica”, em que foram inseridos textos de autores renomados, lidos pelos alunos, e textos produzidos pelos alunos na condição de autores.

Então, além de dar um sentido mais amplo às práticas escolares, o projeto evita a fragmentação dos conteúdos e possibilita aos alunos se tornarem corresponsáveis pela própria aprendizagem, (NOVA ESCOLA, 2011). É primordial levar o educando a fazer uso das mídias, principalmente utilizando as redes sociais, as quais fazem muito sucesso entre esse público, que ocupa grande parte de seu tempo nessas redes. Procuramos, assim, utilizar essa atração irresistível entre o *Facebook*® e o aluno para se trabalhar a leitura literária na escola.

4.2 Criando a *Fanpage* “Entre Contos e Crônicas”

Com o advento da tecnologia, novos meios de comunicação surgiram e mudaram o modo de viver das pessoas, modificando as relações cotidianas. As novas tecnologias transformaram as formas de comunicação, socialização, trabalho, aprendizagem, trazendo rapidez, praticidade, comodidade na hora de entrar em contato com amigos, parentes, professores e alunos, chefes e funcionários, grupos, irmandades, casais, família, trabalho e no ambiente de lazer.

A *internet* colaborou de diversas formas para revolucionar as práticas de interação social. *Facebook*®, *Linkedin*®, *Twitter*®, *Blogs*, *Instagram*®, entre outros fazem parte desse universo tecnológico, adorado pelos internautas, e que utilizados na escola, de maneira adequada, podem ser mecanismos eficientes no processo educacional.

As redes sociais têm um poder muito grande de influência e tráfico de informações sobre as pessoas, sobretudo entre jovens adultos e adolescentes. O *Facebook*® é a rede de relacionamento que mais cresce no mundo e que predomina sobre esse público. Através dessa ferramenta é possível interagir com o público de forma direta e em tempo real. Pensando na grande aceitação desse veículo de comunicação e nas boas práticas necessárias a nossa clientela, pensando ainda no uso das tecnologias em favor do trabalho desenvolvido na sala de aula, priorizamos o uso de *Fanpage* como produto final de nosso projeto.

Segundo dados da *SocialBackers (2015)*, atualmente o *Facebook*® é a maior rede social do mundo, alcançando a marca de 700 milhões de usuários. Essa rede conquista, de forma rápida, o amplo território do Brasil, atingindo a faixa de 19 milhões de usuários brasileiros. Com essas informações, fica claro que trabalhar com essa ferramenta, por meio de *Fanpages*, pode ser uma forma atraente, leve, colorida, prática, interativa e de fácil acesso de chamar a atenção de nossos alunos para o mundo literário e da leitura.

Aqui, o nosso objetivo foi chamar a atenção da turma para a leitura dos textos literários empregando as redes sociais, especialmente o *Facebook*®, em que a maioria deles têm perfil e já o utilizam, rotineiramente, em seu cotidiano, tendo em vista que os mesmos estão sempre conectados, navegando on-line, com os atuais celulares de última linha, ou smartphones, que fornecem internet, serviço de *e-mail* e *WhatsApp*®.

Apesar dos avanços tecnológicos, a sala de aula ainda não oferece mecanismos eficazes e atraentes para o seu público. Portanto, é preciso utilizar instrumentos que estejam voltados para seus interesses. Trabalhar com esse tipo de atividade tende a não ser apenas um sucesso, mas também um modo de manter uma relação próxima entre os educandos e a aprendizagem.

Segundo o *Facebook*®, uma *Fanpage* é uma interface específica para a divulgação de uma empresa, marca, banda, comunidade, grupo, etc. Ao realizar a

criação é possível escolher o objetivo dela, conseguindo, assim, melhor segmentação do público que se deseja alcançar.

A *FanPag* é uma página do *Facebook*®, a qual pode ser seguida pelos usuários e interessados em determinada marca ou empresa, tema ou área de conhecimento, oferecendo uma estratégia de marketing digital, eficiente e de baixo custo. Como qualquer outra mídia social, o sucesso da *Fanpage* depende do engajamento dos usuários perante a marca ou empresa. Isso depende de um bom planejamento em mídias sociais, realizado com muita competência.

Diante dessa realidade midiática, o professor deverá ficar atento às novas práticas de interação social e traçar estratégias que possam atrair os educandos, bem como passar a olhar a prática da leitura literária por outro prisma. Para tanto, deve desenvolver atividades criativas, dinâmicas, que atraiam a atenção dos alunos. Neste contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais fundamentam a prática docente, afirmando que os educadores devem organizar situações de aprendizagem instigadoras. Nessa perspectiva, supõe:

[...] planejar situações de interação nas quais esses conhecimentos sejam construídos e/ou tematizados; organizar atividades que procurem recriar na sala de aula situações enunciativas de outros espaços que não o escolar, considerando-se sua especificidade e a inevitável transposição didática que o conteúdo sofrerá; saber que a escola é um espaço de interação social onde práticas sociais de linguagem acontecem e se circunsciam, assumindo características bastante específicas em função de sua finalidade: o ensino (BRASIL, 1998, p. 22).

Com base nessas informações, e de comum acordo com a turma, optamos por criar uma *Fanpage* no *Facebook*® para que se possa trabalhar com os gêneros textuais: conto e crônica, sendo este um ambiente muito utilizado por jovens, adultos e adolescentes, nessa faixa etária. Através de votação, escolhemos o tema da *Fanpage* “Entre contos e crônicas”, haja vista que o trabalho seria voltado para ambos os gêneros.

Com a criação dessa página, e após apresentá-la à turma, em menos de uma semana houve mais de 130 acessos e curtidas. Assim, iniciamos o trabalho com os gêneros escolhidos. Com essa atividade, objetivamos proporcionar o contato e a familiaridade dos alunos com os meios digitais, evidenciar a importância e a praticidade da utilização das ferramentas digitais para se trabalhar com os gêneros literários, apresentar a *Fanpage* como proposta de atividade para trabalhar com

narrativas curtas, desenvolver a competência leitora e escritora dos alunos, através dos gêneros conto e crônica.

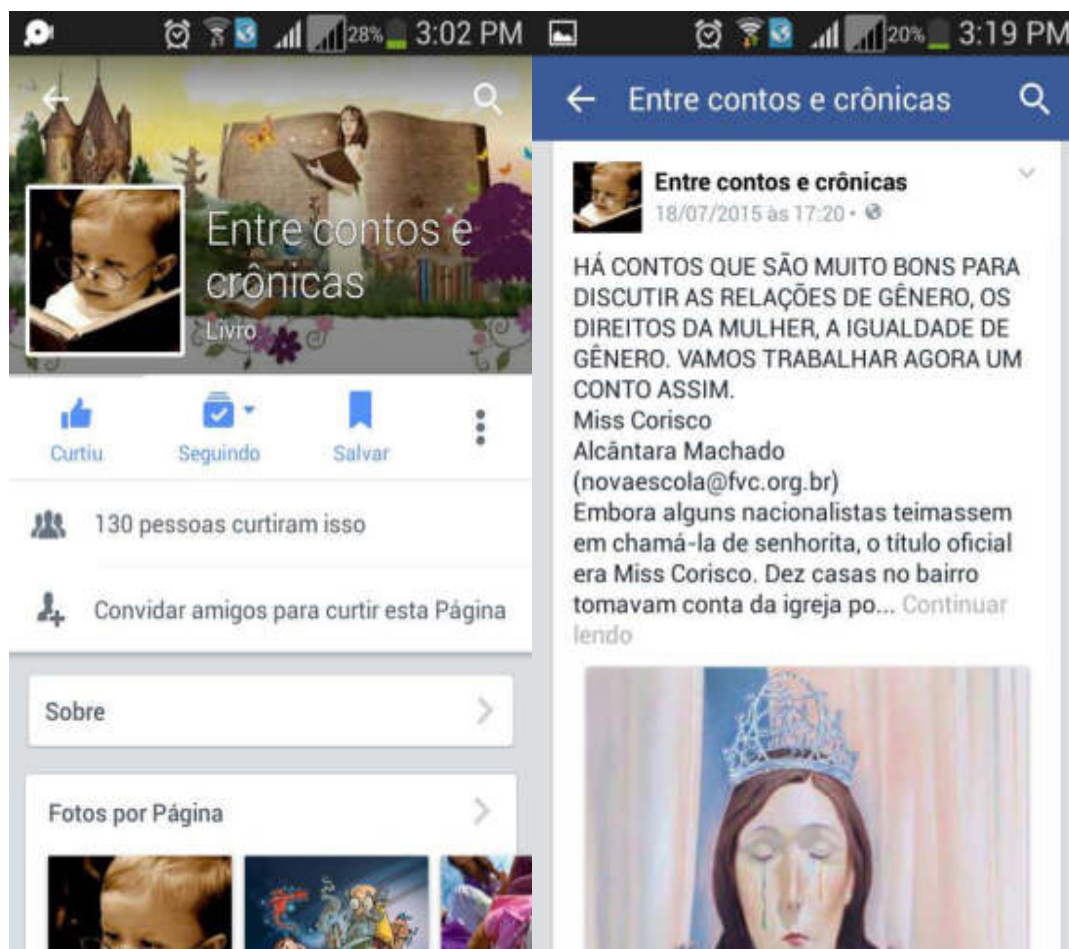
A atividade foi realizada na escola de Ensino Fundamental Nanzio Magalhães da Silveira, com uma turma de 9º ano, no primeiro turno. Após definirmos o nome da *Fanpage*, partimos para a definição e características dessa página. Para tanto levamos a turma para o laboratório de informática da escola, a fim de mostrarmos na prática como funciona essa ferramenta.

Em primeiro lugar, fizemos uma sondagem para sabermos quantos alunos da turma já conheciam essa interface e constatamos que todos conheciam a *FanPage*. No entanto, metade da turma ainda não tinha feito uso dela. Em seguida, apresentamos em slide a caracterização e exemplificação do termo, que para muitos foi uma novidade.

O passo seguinte foi todos abrirem o computador na página do *Facebook*® e acessarem a *FanPage* “Entre contos e crônicas” para curtirem as postagens, fazer comentários e cumprir as tarefas de leitura e exercícios de interpretação e análise literária. Os alunos também escolheram, entre várias crônicas e contos impressos, aqueles para serem postados pela professora da sala. Mas eles também tinham acesso para fazer suas próprias postagens, que aparecem numa listagem menor, à esquerda da página.

Para o início dos trabalhos foram escolhidos os contos de Machado de Assis: “A Cartomante” e “Conto de Escola”; um conto de Dalton Trevisan, “Uma vela para Dario”; um conto de Clarice Lispector, “O primeiro beijo” e um conto de Alcântara Machado, “Miss Corisco”. Os estudantes também gostaram de procurar imagens para ilustrar as postagens e publicações. Depois, divididos em grupos, enviaram diversas fotos e ilustrações para a professora, aprendendo a importância e obrigação de citar também a fonte de quem as tirou.

ILUSTRAÇÃO 1 – Entre Contos e Crônicas



Fonte: Foto da Autora.

Os alunos não trabalharam somente com a postagem de contos e crônicas, também foram escolhidos materiais teóricos, conceituando ambos os gêneros, e mostrando a diferença entre eles. Os alunos também deveriam participar da busca de conteúdos, imagens e textos para a *FanPage*. Depois de trabalhados os contos, foram escolhidas as crônicas, sendo selecionadas duas para a *FanPage*, dos mais consagrados cronistas brasileiros: Nelson Rodrigues e Rubem Braga. As crônicas escolhidas foram “A viúva inconsolável” de Nelson Rodrigues e “O padeiro” de Rubem Braga.

Houve a preocupação de que os alunos também compreendessem bem as diferenças entre conto e crônica, apesar de serem ambas narrativas curtas, sendo postado o seguinte quadro na *FanPage* para discussão de toda a classe.

QUADRO 1 – Crônica x Conto

CRÔNICA	CONTO
VISÃO PESSOAL DOS FATOS.	NARRATIVA CONCENTRADA NO ESSENCIAL.
APRESENTA FUNDO HUMORÍSTICO E CRÍTICO.	ELIMINA ANÁLISES MINUCIOSAS.
PERSONAGENS SEM GRANDES DESCRIÇÕES.	POUCOS PERSONAGENS, MAS BEM CONSTRUÍDOS.
PADRÃO CULTO	PADRÃO CULTO
NARRATIVA CURTA E LEVE	GIRA EM TORNO DE UM ÚNICO CONFLITO, CURTO ESPAÇO DE TEMPO E POUCOS FATOS/LUGARES.

Fonte: <<http://letrasdobviw.blogspot.com.br/2015/06/bom-saber-cronica-x-conto.html>>

Por fim, convém assinalar que todas as atividades foram planejadas em uma sequência didática, descrita a seguir.

4.2.1 Sequência Didática

ESCOLA DE ENS. FUND. NANZIO MAGALHÃES DA SILVEIRA

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSOR (A): Marta Maria Wanderley da Silva

SÉRIE: 9º TURMA: "A" TURNO: Vespertino

CRONOGRAMA: 4 semanas

PLANEJAMENTO: 25.04.2015

CONTEÚDO: Gêneros: crônica e conto

HABILIDADES CONCEITUAIS:

- Estimular o gosto pela leitura literária;
- Potencializar a competência leitora;
- Desenvolver a oralidade;
- Identificar as características da crônica como gênero híbrido entre o jornalismo e a literatura;

- Identificar as características do conto, bem como analisar os elementos da narrativa e as partes do enredo;
- Observar as reflexões e digressões líricas, humorísticas, sociais e políticas contidas nas crônicas;
- Ler crônicas e contos de autores consagrados;
- Produzir crônicas a partir dos estudos realizados;
- Realizar contação de contos observando: linguagem, gestos, voz, etc.

HABILIDADES PROCEDIMENTAIS:

- Levantar hipóteses quanto ao que é uma crônica e um conto;
- Analisar textos;
- Localizar informações na atualidade;
- Interpretar informações expressas por escritores literários;
- Compreender que a literatura promove o encontro do individual e do social;
- Pesquisar sobre autores e obras de crônicas e contos da atualidade.

HABILIDADES ATITUDINAIS:

- Respeitar as opiniões diferenciadas de cada colega;
- Manifestar opinião diante do assunto abordado;
- Demonstrar interesse pela leitura;
- Compreender que a literatura é uma forma de demonstrar ações e sentimentos.

ESTRATÉGIAS:

1ª ETAPA:

- Apresentação dos gêneros textuais conto e crônica, através de veiculação nos meios midiáticos e livros. Mostrar definições e exemplos. Procurar descobrir o que os alunos já sabem sobre o gênero e como se relacionam com ele. Perguntar se costumam ler textos desse tipo, se reconhecem algumas de suas características e se conhecem alguns autores. Destacar a aproximação da crônica tanto de textos jornalísticos quanto da literatura, explicando que de um lado ele herda a brevidade, a aproximação com o leitor e o embasamento em fatos cotidianos. Do outro, o lirismo, o humor, a

subjetividade e a elaboração da linguagem. Fazer o mesmo procedimento com o conto.

- Aula com slide sobre o gênero textual “Conto”, definições dos narradores de 1ª e 3ª pessoa (foco narrativo), identificação do clímax, enredo, apólogo (conceito); aplicação de atividade;
- Aula com vídeo sobre o gênero “Crônica”, definições das características reflexivas, digressivas, humorísticas, líricas, sociais, historiográficas e políticas;
- Análise de obras de autores consagrados.

2º ETAPA

Iniciar a aula com o filme “A Bela e a Fera”, que demonstra uma versão mais requintada e com diferenças consideráveis em relação à versão mais conhecida da história.

- Debater sobre o filme, levantando questões sobre preconceito físico, valores morais, tolerância, bondade, bullying, etc.
- Promover discussão sobre a atividade da escrita e incentivar a mudança do final da história.
- Criar uma Fanpage, juntamente com os alunos:
- Levar novamente a turma para sala de vídeo e questionar sobre o que sabem sobre essa ferramenta. Fazer o levantamento de quantos alunos já utilizam a Fanpage e qual a opinião deles a respeito da utilidade desse recurso;
- Apresentar, em slide, a definição e caracterização dessa página;
- Visualizar várias Fanpages através de pesquisa na internet;
- Mostrar a Fanpage “Entre contos e crônicas”, bem como a sua funcionalidade, explicando como essa ferramenta funciona.

3º ETAPA

- Realização de atividades na Fanpage;
- Os alunos deverão acessar a página Fanpage para curtirem as postagens, fazer comentários e cumprir as tarefas de leitura e exercícios de interpretação e análise literária. É uma atividade avaliativa. Os alunos também escolherão, entre várias crônicas e contos impressos, aqueles

para serem postados pela professora da sala, mas eles também terão acesso para fazer suas próprias postagens, que aparecerão numa listagem menor, à esquerda da página.

4º ETAPA

- Leitura de contos e crônicas de autores renomados;
- Contação de contos pela professora e por convidados da comunidade amantes da contação de histórias;
- Pesquisa na internet sobre os principais cronista e contistas brasileiros.

5º ETAPA

Atividade em grupo com o conto “Uma vela para Dario” de Dalton Trevisan, utilizando a *Fanpage*. Cada grupo deverá reescrever a história com outro final. Também deverá descrever como a morte foi tratada no conto e qual deverá ser a opinião da turma diante de um fato de morte. Discussão sobre o fim da vida, a que cada um está sujeito.

Utilização do vídeo “Uma vela para Dario” retirado do You Tube, e postado na *Fanpage*. As apresentações serão feitas oralmente e, após cada apresentação, pedir que a turma comente as produções.

O texto escrito será postado na *Fanpage*, produto final do projeto.

6ª ETAPA

Atividade em grupos sobre contos.

Cada grupo receberá um conto para ser lido, analisado e recontado aos demais.

- Grupo 1: “Conto de escola”, de Machado de Assis;
- Grupo 2: “Miss Corisco”, de Alcântara Machado;
- Grupo 3: “O primeiro beijo”, de Clarisse Lispector;
- Grupo 4: “A Cartomante”, de Machado de Assis.

Todos os contos serão postados, anteriormente, na *Fanpage*, possibilitando a consulta por parte de cada aluno.

Os grupos deverão comparar as relações de gênero, homem x mulher, ou chefe x empregado, ou professor x alunos, etc., comentar os conflitos e dizer como poder-se-ia combater as desigualdades no mundo social.

7ª ETAPA

- Apresentações da turma: contação de contos;
- Após cada apresentação serão respondidos os questionamentos feitos na segunda etapa da atividade;
- Contação de contos nas outras turmas da escola

RECURSOS:

- Livros didáticos e paradidáticos, textos literários, projetor multimídia, computador, slides, celular, *FanPage*, filme “A Bela e a Fera” e vídeos.

AVALIAÇÃO:

A partir dos textos produzidos e do debate realizado em sala, observar se os alunos foram capazes de compreender e contextualizar a crônica e o conto, bem como identificar suas características, sua evolução, desde suas origens à produção contemporânea; analisar as obras de autores consagrados, produzir crônicas cada vez melhor, a partir das leituras e dos estudos realizados. Também estimular o exercício da oralidade com competência, utilizando-se da contação de contos.

OBSERVAÇÕES:

4.3 Problematizando “Conto e Crônica” na Sala de Aula

Em um primeiro momento, foi feito um resgate com os alunos sobre o que eles já sabiam sobre contos e crônicas. Inicialmente, foi solicitado que falassem sobre o gênero conto, se já tinham lido muitos contos, quais eles conheciam. Na verdade, muitos falaram sobre os contos infantis como: Branca de Neve, A Bela Adormecida, A Bela e a Fera, entre outros. Em seguida, foram questionados sobre o ‘gênero crônica’, se eles conheciam alguma crônica. Alguns demonstraram certo conhecimento do gênero, outros não.

A problematização torna-se um momento extremamente necessário na sala de aula, pois através dela podem-se resgatar os conhecimentos prévios dos alunos. Foi necessário, assim, que os alunos formulassem suas hipóteses para depois confrontarem com os textos lidos e, a partir dessa atividade, solicitar que construíssem o significado da história.

É fato que nesse processo de problematização, o encaminhamento pedagógico utilizado foi a discussão oral, promovendo o levantamento das hipóteses. Nesse momento, houve muita participação dos alunos, foram realizados registros destas suposições para permitir que o conhecimento prévio do aluno fosse valorizado, através da antecipação das ideias estabelecidas.

É importante destacar que a problematização é uma estratégia que possibilita o despertar do aluno para a aprendizagem significativa. Para a produção do conhecimento, é importante problematizar. Segundo Freire (1996, p. 54),

[...] a ação de problematizar acontece a partir da realidade que cerca o sujeito; a busca de explicação e solução visa a transformar aquela realidade, pela ação do próprio sujeito (sua práxis). O sujeito, por sua vez, também se transforma na ação de problematizar e passa a detectar novos problemas na sua realidade e assim sucessivamente.

Desta forma, esse momento foi riquíssimo, pois os alunos sentiram-se desafiados em suas experiências anteriores a esse momento vivido na sala de aula, com novas estratégias.

4.4 Definindo os Gêneros Conto e Crônica

Para garantir um conhecimento maior destes gêneros, foram feitos alguns encaminhamentos, com o objetivo de apresentar os gêneros textuais conto e crônica, através da utilização de suas definições e exemplos. Para isso, foi entregue para os alunos dois textos, sem fazer referência ao que seria o conto e ao que seria a crônica.

Distribuído o material, os alunos leram os textos e, em seguida, solicitou-se que eles explicassem ou comentassem as diferenças e familiaridades entre ambos. Os textos trabalhados foram “O Padeiro, de Rubem Braga”, como crônica e o conto “Uma vela para Dario”. A partir da leitura desses textos, os alunos foram questionados a responder se esses dois textos poderiam ser denominados pela mesma definição e se poderiam receber a mesma rotulação na literatura.

A partir desses questionamentos, foram feitas as distinções entre conto e crônica. De um modo geral, a crônica se caracteriza por representar uma narrativa que tem por base fatos ocorrido no cotidiano da vida das pessoas. Sua leitura ocorre de maneira agradável, permitindo uma interação entre leitor e texto. O leitor vai se identificando, aos poucos, com a mensagem. Já o conto, que também possui caráter narrativo, baseia-se em um único acontecimento, podendo ser verídico ou fruto da imaginação do autor. A narração pode ser feita em primeira ou terceira pessoa. O conto pode possuir inúmeros enredos, a crônica foca apenas assuntos corriqueiros, do dia-a-dia. No entanto, a sua principal característica é o ponto de vista, a opinião, o comentário, elementos que o conto dispensa.

Após as discussões propostas, os alunos foram levados a concluir que embora os dois textos sejam curtos, apresentem poucos personagens, com tempo e espaço reduzidos, a grande diferença entre eles é a capacidade reflexiva em torno de um evento cotidiano. Foi considerado, por exemplo, que o foco narrativo não é critério imprescindível para a distinção entre um e outro texto nem, tampouco, a narratividade.

O que os diferenciara é a essência e perspectiva do que é narrado. Enquanto no primeiro texto, o narrador prioriza um olhar subjetivo, a partir de um fato cotidiano, real e possível; no último texto, o narrador não se preocupa em mostrar um ponto de vista subjetivo, apenas conta os fatos e deixa que o leitor tire suas próprias conclusões acerca do que foi narrado.

4.5 Exercitando a Oralidade: Contação de Contos

Uma história bem contada pode encantar grande público, não somente o infantil, como muitas pessoas pensam, mas também os adultos. Contar histórias é uma arte inata aos seres humanos e que tem sido desenvolvida ao longo do tempo, em sociedades diversas. Entretanto, nem todos conseguem contar uma história envolvente, que prenda a atenção de muita gente, que obtenha os resultados desejados, tendo em vista que o ato de contar histórias envolve, principalmente, o entusiasmo do contador. É preciso, portanto, despertar o prazer dos educandos em ouvir e contar histórias. Para esse fim, partimos da experiência da contação de contos em rodas de leitura na sala de aula.

Nossa pretensão era promover uma maior reflexão sobre as diversas formas de se trabalhar com a linguagem oral. Por isso utilizamos o ato de contar como

possibilidade de incitar a imaginação, demonstrar o quão importante é o ato de narrar, desinibir os alunos, a interação com o público, possibilitando, assim, o estímulo à leitura em sala de aula.

Neste sentido, é extremamente importante estimular os alunos a criar, imaginar e envolver-se nas histórias lidas e recontadas, em razão da oralidade ajudar a desenvolver a autoconfiança, a segurança no falar em público e, também, gosto pela leitura literária. Para realizar uma divertida e participativa roda de leitura e contação de histórias, é de suma importância o conto, por sua brevidade, enredo de ação única, poucos personagens e por chegar logo ao clímax.

A princípio, partindo de uma sequência didática planejada para quatro semanas, dividimos as metodologias a serem realizadas em várias etapas:

1. Uma contação de história com filme e múltiplas atividades de contação;
2. Criação de uma *FanPage* no *Facebook*®, junto aos alunos;
3. Trabalho de construção de um conto;
4. Trabalho de construção de uma crônica;
5. Realização da atividade de escrita criando uma crônica;
6. Trabalho com as diferenças entre conto e crônica.

Cada etapa foi cuidadosamente planejada e executada seguindo um cronograma previamente estabelecido.

Assim, como primeiro passo, conduzimos a turma para a sala de vídeo da escola, para que assistissem ao filme “A Bela e a fera”; para em seguida fazermos um grande debate sobre o filme, levantando questões sobre preconceito físico, valores morais, tolerância, bondade, *bullying*. A tarefa final foi criar um final diferente para o filme, sendo que os alunos deveriam redigir, em poucas linhas, um novo final para o conto em questão, em seguida deveriam apresentar oralmente o novo final por eles criado.

Nas aulas seguintes, foram realizadas contações de vários contos, tanto pela professora como por contadores de histórias da comunidade, os quais realizaram esta tarefa com grande entusiasmo. Tal atividade permitiu demonstrar os recursos de voz e gestos que são muito importantes no ato de contar histórias.

O próximo passo foi criar a *FanPage* junto com os alunos, no laboratório de informática da escola, para depois desenvolver uma atividade com o conto “Uma vela para Dario”, de Dalton Trevisan. A turma foi dividida em 5 grupos e cada grupo deveria reescrever a história com outro final. Eles também teriam que descrever no

caderno e na *FanPage* como a morte foi tratada, no conto, e qual deveria ser a nossa posição diante de uma pessoa morrendo. As apresentações foram feitas oralmente, tendo em vista que o texto escrito aguardaria para ser postado como produto final do projeto, na *FanPage* da turma, no *Facebook*®.

A próxima atividade também foi em grupo, e cada grupo recebeu um conto para ser lido, analisado e recontado aos demais. Foram trabalhados respectivamente os contos: “Conto de escola”, de Machado de Assis; “Miss Corisco”, de Alcântara Machado; “O primeiro beijo”, de Clarisse Lispector e “A Cartomante”, de Machado de Assis. Todos estes contos foram devidamente postados na *FanPage*.

As tarefas de interpretação dos contos delegadas à turma foi que os grupos deveriam comparar as relações de gênero, homem x mulher, ou chefe x empregado, ou professor x alunos, etc., e comentar os conflitos e como poderíamos combater as desigualdades de gênero na família, no trabalho, na escola, no cotidiano. A atividade rendeu muito debate e os alunos teriam que postar seus comentários na *FanPage*.

Dado o tempo necessário aos alunos para as leituras e ensaios, o que os ajudou a melhorar a atuação no momento de apresentação, pois nesses momentos estavam realizando uma atividade de memorização para que pudessem conduzir, detalhadamente, a narrativa dos fatos, a atividade foi realizada na sala de aula com muito sucesso, apesar de algumas risadas e brincadeiras a cada apresentação.

Os grupos realizaram a atividade com os contos de forma bem dinâmica, cada participante contou uma parte da história à sua maneira, procurando relatar todos os detalhes do conto em questão, utilizando gestos, linguagem corporal e imitando a fala das personagens. Após cada apresentação eram respondidos os questionamentos feitos na segunda etapa da atividade. As risadas foram parte espontânea do processo.

Para dar sequência às atividades, nas aulas seguintes, a turma realizou a contação dos contos nas demais turmas da escola. Toda sexta-feira os grupos realizavam a contação em turmas diferentes, contudo tiveram que treinar um pouco mais para realizarem esta tarefa, para tanto, intensificaram as pesquisas, tentando se aperfeiçoar o máximo possível.

Com a realização dessa atividade, foi possível perceber o empenho e a dedicação da turma, como também o compromisso que todos assumiram, com bastante seriedade, organização e competência. O mesmo aconteceu no trabalho com as crônicas, após realizar a leitura e discussão de várias crônicas, a turma

pesquisou sobre os principais cronistas brasileiros, Rubem Braga, Nelson Rodrigues, dentre outros, bem como deveriam baixar da internet as crônicas que achassem mais interessante para ler para a turma. As demais atividades seriam realizadas através da *FanPage*, explicadas em outra parte desse capítulo.

5 METODOLOGIA

Neste capítulo, são descritos os procedimentos metodológicos realizados no decorrer do presente trabalho. A metodologia se divide em duas partes principais: a pesquisa bibliográfica e, num segundo momento, aplicação de atividades utilizando os gêneros conto e crônica.

O estudo realizado teve como foco a importância da leitura literária nos anos finais do ensino fundamental, mais especificamente o 9º ano, e o trabalho com narrativas curtas, utilizando os gêneros literários conto e crônica, em prol da melhoria da competência leitora e de escrita dos educandos.

O processo investigativo acerca da leitura literária e dos gêneros selecionados ocorreu, no primeiro momento, através da pesquisa bibliográfica. Foi utilizado um referencial teórico de qualidade, com a realização de leituras, resumos e fichamentos das obras de autores relevantes como: Magda Soares, Luiz Carlos Cagliari, Neide Luzia de Rezende, Adriana Isensee, Massaud Moisés, entre outros que, à medida que a pesquisa foi se desenvolvendo, também foram enriquecendo e fundamentando o trabalho que nos propusemos a realizar.

Desse modo, nesta pesquisa, procuramos encontrar, dentro do possível, nas fundamentações teóricas, as respostas para o principal problema a ser analisado que é a dificuldade em criar, promover e solidificar o hábito da leitura de textos literários, entre nossos alunos, através de experimentar novas técnicas de ensinar o gênero conto e crônica, utilizando tecnologias educacionais. Como Köche (1997, p. 122) afirma: "Conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre determinado tema ou problema, torna-se instrumento indispensável a qualquer tipo de pesquisa".

Portanto, este trabalho fundamentou-se em uma abordagem qualitativa, procurando um envolvimento mais dinâmico entre sujeito (os alunos) e objeto de estudo (leitura literária). Por esta razão, a análise foi feita através da observação e execução das atividades realizadas na sala de aula, das leituras, contação de histórias e através da utilização de uma *FanPage* sobre contos e crônicas no *Facebook*®, uma rede social das mais populares entre estudantes adolescentes como os do 9º ano. A *FanPage* é um tipo de blog mais fácil de operar e na qual todos podem publicar matérias e comentários, aumentando a interação entre professor e alunos.

A atividade desenvolvida, nesta pesquisa, foi um projeto didático denominado “Entre contos e crônicas”, resultando como produto final a criação de uma *FanPage* no *Facebook*®, por parte da professora, com uma turma de 9º ano, do Ensino Fundamental II, na escola Nanzio Magalhães da Silveira, na cidade de Feijó, Acre. Com a *FanPage*, os estudantes tiveram a oportunidade de desenvolver procedimentos de leitura literária, escrita e interpretação de textos, práticas de oralidade, utilizando o conto e a crônica. Ambos são gêneros característicos das narrativas curtas e de grande relevância para a inserção da leitura literária na escola, por serem breves, com uma unidade de ação somente, poucos personagens, de rápida leitura, de bom tamanho para publicação na *FanPage* e um estilo agradável para os alunos.

Com a *FanPage* também foi mais fácil avaliar os resultados e fazer uma análise dos dados, que foi o último passo da metodologia. Por fim, depois de levantar os dados, tirar as conclusões do que foi bem sucedido e do que, a partir dessa primeira experiência foi possível perceber, ainda será necessário, nas próximas aulas, que o trabalho seja melhorado e aprimorado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS (ANÁLISE DOS DADOS)

A proposta apresentada não implica uma solução definitiva para os problemas e dificuldades com a escrita e a leitura literária no Ensino Fundamental. Entretanto, a *FanPage* se mostrou um instrumento bastante versátil para ensinar literatura. Embora essa ferramenta do *Facebook*® tenha sido criada para empresas e marcas, no intuito de divulgação de seus produtos, a mesma se mostrou útil para diversas outras finalidades: existem *FanPages* para discutir doenças, divulgar moda, livros, entidades do governo, por exemplo, a Secretaria Estadual de Política para as mulheres do Acre possui uma *FanPage*, os seriados mais famosos também; filmes de grande bilheteria; academias de ginástica, de artes, bibliotecas, escolas, todas têm *FanPage*.

Portanto, percebendo a amplitude da utilidade de uma *FanPage*, deduzimos que nada impedia de essa ferramenta ser utilizada para ensinar literatura. A experiência realizada comprovou nossa hipótese de que seria um sucesso, que teria grande penetração e realmente teve. Logo na primeira semana já alcançamos mais de trezentos acessos, mais de cem curtidas e participação em massa da turma.

Quanto aos obstáculos, imaginamos que os alunos teriam dificuldade de acesso a internet, porque na cidade em que moramos, Feijó - AC, nem sempre a internet tem boa conexão e nem todos os alunos possuem internet em suas casas. Todavia, até este aspecto nos surpreendeu, porque os alunos com a maior facilidade acessavam o *Facebook*® em seus celulares. Além disso, na escola, contamos com o serviço *Wi-Fi*®.

Trabalhar com a *FanPage* trouxe diversas vantagens para o aprendizado da leitura literária. Os alunos descobriram como pesquisar em sites de contos e crônicas; também descobriram que grande parte de contos, poemas e romances da literatura brasileira, estão disponíveis no *Youtube*®, no formato de vídeo.

Ainda, sobre esse último formato (*Youtube*®), podemos acrescentar uma curiosidade: os vídeos baseados em textos literários, clássicos e contemporâneos foram produzidos, em sua maioria, por alunos de ensino fundamental. Por exemplo, o vídeo “Uma vela para Dario” foi produzido por alunos do 8º ano do Ensino Fundamental em Belém.

Dos quatro contos trabalhados, o que fez mais sucesso entre os alunos foi “Uma vela para Dario”, não somente por causa da temática da morte, mas,

especialmente, por mostrar a frieza nas relações de gênero, revelando o egoísmo das pessoas na hora da morte alheia. Foi discutido com os alunos que Dario era um homem de cor branca e, pela descrição dos trajes – terno, pasta, gravata, relógio – ele deveria ser de classe média. Porém o que aconteceria se fosse uma mulher? Um homem negro? Um travesti? Um indígena? Uma senhora idosa? A turma debateu sobre a situação transcorrida com Dario, que poderia ter sido ainda pior. Foi possível trabalhar do mesmo modo o conto “Miss Corisco”.

Em relação às crônicas, o estudo também foi muito significativo, pois os alunos tiveram a oportunidade de relacionar os textos lidos com sua própria realidade e, nesse momento, puderam formular novas interpretações de mundo, sendo possível confrontar o ponto de vista dos alunos com as temáticas sociais.

Assim, por ser a crônica um texto de linguagem simples, por apresentar ironia, humor, fantasia, emoção e o fato de o narrador parecer está conversando com o leitor, isso chamou à atenção dos alunos. Nesse momento eles percebem o quão agradável é ler esse tipo de texto e, para o educador, é uma forma eficaz de seduzir o aluno.

Também, através da leitura das crônicas sugeridas, os estudantes puderam perceber que o literário pode está nas coisas mais simples do nosso dia-a-dia. Com a crônica “O padeiro” foi possível fazer uma discussão sobre como o trabalho é desvalorizado e como o trabalhador é considerado sem importância na sociedade, tratado muitas vezes, como um ser invisível. Os debates foram muito proveitosos e pudemos discutir, também, sobre a falta de identidade de algumas pessoas e suas alienações diante da representação social.

Diante de todos os aspectos descritos, a conclusão final foi que as tecnologias educacionais constituem um instrumento fundamental para enriquecer as aulas de literatura, tanto quanto as aulas de língua portuguesa. Entretanto, os professores do ensino fundamental não devem abusar do uso de tecnologias ou da internet em todas as aulas.

Para superar as dificuldades do letramento os educadores devem estar sempre buscando novas alternativas, para além das tecnologias, para melhorar a leitura literária e a escrita. Os alunos devem trazer suas experiências de casa, ter oportunidade de mostrar o que já sabem; ter espaço para criar seus próprios textos e mensagens. Quanto a isso, consideramos o uso da *FanPage* uma ferramenta muito relevante no estímulo ao processo de leitura, criação e recriação, uma vez que

os discentes mostraram-se envolvidos e ativos durante todo o processo desenvolvido com relação aos gêneros trabalhados, dentro e fora da sala de aula, seja nos momentos de debates, pesquisa e inspiração.

Pode-se dizer, então, que a utilização de ferramentas tecnológicas, podem não ser as únicas ou infalíveis no processo de estímulo à leitura, mas certamente é um instrumento muito eficiente no sentido de despertar novos olhares sobre esse processo e fazer descobertas relevantes quanto ao potencial criativo de nossos alunos. Portanto, uma experiência bem sucedida.

REFERÊNCIAS

ABDALA JR., Benjamin. **Introdução à Análise da Narrativa**. São Paulo: Scipione, 1995.

ARRIGUCCI, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: **Enigma e comentário – Ensaio sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. 3.ed. Petrópolis: Vozes Limitada, 1973.

BARTHES, Roland. **La aventura semiológica**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1985.

BENDER, Flora Christina & LAURITO, Ilka Brunhilde. **Crônica – História, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.

BENEFÍCIOS de se ter uma fan page. Disponível em:

<<http://Fanpages.com.br/beneficios-de-ter-uma-fan-page.html>> [S.l.] [2013?] Acesso em: 17 jun. 2015.

BENJAMIN, Walter. **O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Magia, técnica, arte e política. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRANDÃO, A. C. P. ; SPINILLO, A. G. (1998). **Aspectos gerais e específicos na compreensão de textos**. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 11(2), 253-272.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**, Brasília: MEC. SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais : Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 2001;

_____. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC / SEF, 1998. Brasil. Ministério da Educação. Guia de livros didáticos PNLD 2008: Língua Portuguesa/ Ministério da Educação. – Brasília: MEC, 2007. 152 p. – (Anos Finais do Ensino Fundamental).

BRÉMOND, Claud. **A lógica dos possíveis narrativos**. Análise estrutural da narrativa. Petrópolis, Vozes, 1972. p. 109-35.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1992.

CANDIDO, A. **A formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 4. ed. São Paulo: Martins, 1971.

_____. **Para gostar de ler**. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.

CECCANTINI, João Luis C. T (Org.). 2004. **Leitura e literatura infanto-juvenil: memórias de Gramado**. São Paulo: Cultura Acadêmica.

COLOMER, Tereza. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

CORTÁZAR, Julio. **Alguns aspectos do conto**. Valise de Cronópio. Tradução de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes Cunha. **Literatura Infantil: teoria e prática**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1987.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOUVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

FEBA, Berta Lucia Tagliari; SOUZA, Renata Junqueira de. **Leitura de literatura na Escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento** São Paulo: Campinas, SP: Mercado de letras, 2011.

FERREIRA, Simone Cristina Salviano. Afinal, o que é crônica? In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos et al. (org.). **Gêneros de texto: caracterização e ensino**. Editora EDUFU, 2008

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREITAS, P.E. **A crônica: sua trajetória; suas marcas**. In Congresso de LETRAS – DISCURSO DE IDENTIDADE CULTURAL UNEC, 5, 2005, Caratinga. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec02/article/viewFile/205/285>>. Acesso em jul. 2015.

FRORES, L.F.B.N. O Altar e a coroa iluminada: a educação de colonos e colonizados. In: MAGALDI, A.M.; ALVES, C & GONDRA, J.G (orgs). **Educação no Brasil: historia, cultura e política**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 73-98.

GARCÍA, Carlos Marcelo. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: Antônio Nóvoa (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

- GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- HERNANDEZ, Fernando. **Transgressão e Mudança na Educação: Os Projetos de Trabalho**. Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.
- ISENSEE, Adriana Sestrem. **A leitura literária na formação humana: um olhar discente**. 2004. 77 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, SC, 2004.
- KLEIMAN, Ângela. **Abordagens da leitura**. SCRIPTA, Belo Horizonte, 2004.
- _____. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas SP: Pontes, 3 ed. 2008.
- KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LAJOLO, M. (1995): Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes. In: MALLARD, L. (org.): **História da Literatura**. Ensaios. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. 1998. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática.
- LANGACKER, W. Ronald. **A linguagem e sua estrutura: alguns conceitos linguísticos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade: In DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MAROTE, João T.; FERRO, Gláucia. **Didática da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1994.
- MOÇO, Anderson. **14 Perguntas e respostas sobre projetos didáticos**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/14-perguntas-respostas-projetos-didaticos-626646.shtml>> [S.l.] [2014?] Acesso em: jun. 2015.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa – I**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- NEVES, M. de S. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso. In: CANDIDO, A. et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- NEVES, Margarida de Souza. **História da crônica. Crônica da história**. In: REZENDE, Beatriz (org) Cronistas do Rio. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1995. O QUE É uma Fan Page? Disponível em: <<http://Fanpages.com.br/fan-page.html>>. [S.l.] [2013?] Acesso em: 13 jun. 2015.
- POUND, E. **O ABC da literatura**. São Paulo: Cutrix, 1970.

RIBEIRO, M. L. S. **História da educação brasileira: a organização escolar.** Campinas, SP: Autores Associados, 2007 (Coleção memória e educação).

SÁ, JORGE DE. **A Crônica.** São Paulo: Ática, 1997.

SAMUEL, Rogel. **Novo manual de teoria literária.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SASSO, Elaine Cristina. **A linguagem oral e escrita na educação infantil: contribuições da análise experimental do comportamento da releitura dos objetos.** [Monografia]. UNESP, 2007.

SCHEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola/** tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SIGNIFICADO de Narrativa. Disponível em:
<<http://www.significados.com.br/narrativa>>. [S.l.] [2012?]. Acesso em: 10 jan. 2015.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Ateliê de crônicas e portfólio.** Leitura (UFAL), v. 42 p.237-249, 2009.

SMOLE, Kátia S. ; DINIZ, Maria I. **Ler escrever e resolver problemas: habilidades básicas para aprender.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2. ed., 5. reimpressão, Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2002.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e literatura e leituras da literatura infantil.** São Paulo: FTD, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 6º Ed. 1987.

_____; SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Literatura e pedagogia: Ponto e contraponto.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.